



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
MARINA DA SILVA BARBOSA

***IT'S CLOSE TO MIDNIGHT. TERROR E MEMÓRIA AFETIVA:
OS 40 ANOS DO ÁLBUM *THRILLER* DE MICHAEL JACKSON***

Tubarão

2023



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
MARINA DA SILVA BARBOSA

***IT'S CLOSE TO MIDNIGHT. TERROR E MEMÓRIA AFETIVA:
OS 40 ANOS DO ÁLBUM *THRILLER* DE MICHAEL JACKSON***

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Prof. Dr. Mário Abel Bressan Júnior (Orientador)

Tubarão

2023

MARINA DA SILVA BARBOSA

***"IT'S CLOSE TO MIDNIGHT. TERROR E MEMÓRIA AFETIVA: OS 40 ANOS DO
ÁLBUM THRILLER DE MICHAEL JACKSON"***

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 24 de agosto de 2023.



Professor e orientador Mário Abel Bressan Junior, Doutor.
Universidade do Sul de Santa Catarina

presente por videoconferência

Professor Diego Piovesan Medeiros, Doutor.
Faculdade SATC.

presente por videoconferência

Professor Dr. Hertz Wendel de Camargo, Doutor.
Universidade Federal do Paraná

B21 Barbosa, Marina da Silva, 1998 -
 It's close to midnight. Terror e memória afetiva : os 40 anos do
 álbum Thriller de Michael Jackson / Marina da Silva Barbosa. –
 2023.
 80 f.: il. color. ; 30 cm

 Dissertação (Mestrado) – Universidade do Sul de Santa Catarina,
 Pós-graduação em Ciências da Linguagem.
 Orientação: Prof. Dr. Mário Abel Bressan Júnior

 1. Memória. 2. Memória Afetiva. 3. Cultura Pop. 4. Thriller. 5.
 Michael, Jackson. I. Bressan Júnior, Mário Abel, 1977-. II.
 Universidade do Sul de Santa Catarina. III. Título.

 CDD (21. ed.) 302.2

AGRADECIMENTOS

De tantas partes a serem escritas nessa dissertação, talvez essa esteja sendo a mais desafiadora. É tanto para agradecer que fica difícil saber por onde começar, mas nada faria sentido se eu não iniciasse essa seção agradecendo a Deus. Apenas Ele, que conhece o íntimo do meu coração, sabe verdadeiramente o quanto estou feliz por estar concluindo essa etapa da vida que tanto sonhei.

Agradeço aos meus pais, Gonçalo e Eolinete, por sonharem comigo e, mesmo sem entender, apoiarem as minhas decisões de todas as formas possíveis. Essa conquista é para vocês! Agradeço também a todos os outros integrantes da minha família, que sempre ofereceram o seu melhor para eu chegar até aqui, seja de forma financeira ou por orações.

Obrigada ao pessoal do VIVOS por terem acompanhado a minha jornada desde o processo seletivo, ouvido meus desabafos todas as sextas-feiras e orado por mim para que tudo desse certo. Eu consegui, galera! E por falar em sextas-feiras, agradeço ao pessoal da Creative Room, por terem me apoiado desde o início, cedendo um dia de trabalho na semana para eu me dedicar aos estudos. Em especial, à minha colega Rafinha, essa sim ouviu os meus desabafos, como também sempre torceu muito por mim.

Esse parágrafo eu dedico inteiramente a ele, Muriel, pois sempre esteve ao meu lado mesmo em minhas ausências. Ele é quem sempre tem uma palavra de incentivo, acredita no meu potencial e quem colherá comigo os frutos dessa conquista.

Se hoje me dedico a ser uma pesquisadora, é porque no primeiro semestre da graduação em Publicidade e Propaganda eu encontrei alguém que me inspirou a seguir os seus caminhos. Esse alguém é o Professor Mário, um grande exemplo de vida profissional e pessoal, da qual sou eternamente grata por aceitar os desafios de me orientar e por sempre mostrar que sou capaz de conquistar aquilo que desejo. O seu afeto transforma qualquer coração!

Agradeço aos professores Diego Piovesan e Hertz Wendell, que contribuíram para a qualificação da minha pesquisa e que compõem a banca avaliadora desse trabalho. Obrigada também a todo o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da UNISUL e aos demais professores e colegas que tive a oportunidade de conhecer ao longo dessa jornada. Em especial ao Valdemir Neto, que desde o processo seletivo me ajudou e torceu muito por mim, assim como sempre estou na torcida pelo sucesso dele.

Por fim, minha eterna gratidão a tudo e a todos que, com muito afeto, fazem parte das minhas memórias.

RESUMO

O álbum *Thriller*, do cantor Michael Jackson, completou 40 anos de seu lançamento em novembro de 2022 e, mesmo depois de tanto tempo, continua sendo o álbum mais vendido de todos os tempos, sendo constantemente rememorado nos dias atuais. Diante disso, o objetivo deste trabalho é analisar o porquê do álbum *Thriller* ainda reverberar nostalgias e memórias na mídia, na Cultura Pop e participativa conectada em rede. A problemática questiona qual o papel da memória coletiva e participativa nesse contexto atual do sucesso do álbum anos após o seu lançamento. Sendo assim, o enquadramento teórico aponta para autores que estudam a nostalgia, memórias e a cultura da convergência. Além dos estudos bibliográficos, a metodologia utilizada partiu da análise de conteúdo dos elementos do álbum *Thriller* e dos comentários feitos sobre ele no *Twitter*. Os principais resultados mostram que a Cultura Pop potencializa a memória coletiva quando um produto se torna inesquecível, tornando-se constante na vida das pessoas por meio de suas lembranças e dos afetos advindos delas.

Palavras-chave: Memória. Memória Afetiva. Cultura Pop. *Thriller*. Michael Jackson.

ABSTRACT

The Thriller album, by singer Michael Jackson, was completed 40 years of its release in November 2022 and, even after so long, remains the best-selling album of all time and is constantly remembered today. Because of this, the objective of this work is to analyze why the Thriller album still reverberates nostalgia and memories in the media and pop and participatory networked culture. The problematic question is the role of collective and participatory memory in the current context of the album's success, years after its release. That's why the theoretical framework points to authors who study nostalgia, memories, and convergence culture. In addition to the bibliographical studies, the methodology was carried out based on the content analysis of the elements of the Thriller album and the comments made about it on Twitter. The main results show that pop culture enhances collective memory when a product becomes unforgettable, becoming constant in people's lives through their memories and the affections that come with them.

Keywords: Memory. Affective memory. Pop Culture. *Thriller*. Michael Jackson.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Cartaz de divulgação do filme <i>White Zombie</i> (1932)	25
Figura 2 - Cena do filme “A noite dos mortos-vivos” (1968).....	26
Figura 3 - Cenas do videoclipe “Thriller” (1983).....	29
Figura 4 - QR Code para acesso aos vídeos citados nessa seção	30
Figura 5 - Site de comercialização dos produtos de Michael Jackson (2022)	34
Figura 6 - QR Code para acesso às músicas citadas nessa seção	35
Figura 7 - Comparativo das danças de Wandinha e Michael Jackson	59
Figura 8 - Cenas do filme ‘De Repente 30’ (2004)	62
Figura 9 - Cenas do filme ‘De Repente 30’ (2004) e do videoclipe ‘ <i>Thriller</i> ’ (1983)	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Primeira coleta de materiais.....	44
Tabela 2 - Memórias coletivas e afetivas na cultura participativa.....	45
Tabela 3 - Michael Jackson na Cultura Participativa.....	46
Tabela 4 - Subcategorias de Memórias coletivas e afetivas na cultura participativa	47
Tabela 5 - Subcategorias de Michael Jackson na Cultura Participativa	47

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A TRAJETÓRIA DE MICHAEL JACKSON ATÉ O SUCESSO DE THRILLER	14
3	MEMÓRIA COLETIVA E AFETIVA	21
3.1	MONSTROS E ZUMBIS NA CULTURA POPULAR	22
4	TECHNOSTALGIA E RETROMANIA: UMA MEMÓRIA MERCADOLÓGICA	30
5	CULTURA POP NA CULTURA CONVERGENTE E PARTICIPATIVA.....	37
6	METODOLOGIA	42
7	ANÁLISE DOS DADOS	47
7.1	PRIMEIRA ANÁLISE - MEMÓRIAS COLETIVAS E AFETIVAS NA CULTURA PARTICIPATIVA	48
7.1.1	Memórias de infância e adolescência	48
7.1.2	Memórias relacionadas ao medo	52
7.1.3	Memórias relacionadas a objetos nostálgicos	55
7.2	SEGUNDA ANÁLISE - MICHAEL JACKSON NA CULTURA PARTICIPATIVA ..	58
7.2.1	Thriller como referência na atualidade.....	58
7.2.2	Michael Jackson como representação social.....	64
7.2.3	Comemoração dos 40 anos.....	67
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
9	REFERÊNCIAS	78

1 INTRODUÇÃO

Dentre os nomes mais famosos da Cultura Pop mundial e da indústria do entretenimento, encontramos Michael Jackson. Desde criança era exposto na mídia como vocalista principal do *The Jackson Five*, grupo musical composto por ele e seus irmãos mais velhos. Já adulto, com sua carreira desvinculada de seus irmãos, lançou seu primeiro álbum solo chamado *Off The Wall* (1979) e, anos mais tarde, consagrou-se como Rei do Pop após lançar *Thriller* (1982).

O álbum *Thriller* possui nove canções que foram, em sua maioria, compostas pelo próprio Michael Jackson, produzidas por Quincy Jones e lançadas pela gravadora Epic Records. Em 1983, foram lançados videoclipes de três canções pertencentes ao álbum, sendo elas: *Billie Jean*, *Beat it* e *Thriller*. O álbum musical se tornou ainda mais famoso e relevante após o lançamento dos videoclipes¹ que, dentro da Cultura Pop, são considerados fortes produtos midiáticos. O sucesso de *Thriller* continua repercutindo até os dias atuais e, mesmo depois de quase 40 anos de lançamento, conforme matéria publicada no site da Superinteressante em fevereiro de 2020 (Sobanski, 2020), com cerca de 51 milhões de cópias vendidas, segue como o álbum mais vendido de todos os tempos.

Em janeiro de 1983, com o lançamento do videoclipe da canção *Billie Jean*, Michael Jackson quebra preconceitos e barreiras raciais, pois este foi o primeiro videoclipe de um artista negro a ser transmitido no canal norte-americano *MTV (Music Television)*. No mesmo ano, meses depois, o cantor lançou o videoclipe de *Thriller*, dirigido pelo cineasta John Landis, que se tornou até hoje uma das marcas registradas do artista. Este videoclipe, considerado um curta metragem, possui pouco mais de 13 minutos de duração e conta com um enredo, cenários, danças, figurinos e personagens muito marcantes. A produção demonstrou ser significativa, já que se pôde observar algumas referências do videoclipe sendo usadas em filmes como: *O Retorno dos Mortos Vivos, Parte II* (1989) e *De repente 30* (2004), ou até mesmo em comerciais, desenhos animados e danças de casamentos.

¹ As músicas citadas apresentam videoclipes marcantes para a história do audiovisual. Sobre *Billie Jean* há teorias da conspiração acerca da letra, pois especula-se que a moça citada na música seja mãe de um dos filhos do cantor. *Beat it* é um protesto contra brigas entre gangues e ficou marcado pela coreografia do clipe, e pela primeira vez o cantor aparece com outros dançarinos repetindo seus movimentos. Já o videoclipe de *Thriller* é considerado uma marca registrada do cantor, com quase 14 minutos de duração, sendo que sua narrativa apresenta terror, romance e uma coreografia marcante.

A influência do cantor Michael Jackson, mesmo depois de sua morte em 2009, continua sendo perceptível também em artistas atuais como, por exemplo, no grupo BTS que está em atividade desde 2013 e suas apresentações fazem parte do estilo musical *K-pop* (música popular coreana). Em 2020, o grupo BTS lançou o videoclipe da música *Dynamite* que faz referências às músicas e coreografias de Michael Jackson, incentivando o seu público, composto por adolescentes, a conhecer uma figura artística que fez tanto sucesso no passado. Esse uso de referências antigas em objetos atuais nos levam ao conceito de *technostalgia* que, segundo Pinch e Reinecke (2015, p. 166), é “um movimento em direção a novos sons e novas interações auditivas, sociais ou físicas, concretizadas por meio de combinações do passado e do presente.” Além disso, há um resgate de memórias por meio das referências apontadas no audiovisual.

Na época em que o álbum foi lançado, ainda não existia a facilidade de acesso a esses materiais como hoje, por meio das plataformas de *streaming*, por exemplo. Atualmente, esses materiais podem ser acessados via internet, mas mesmo com toda essa facilidade digital, os materiais analógicos associados ao álbum *Thriller* continuam se mantendo no topo das vendas. De acordo com uma notícia publicada nas redes sociais da *Billboard Charts* em maio de 2021, *Thriller* aparece sendo o terceiro disco de vinil mais vendido na segunda semana do mês de maio. Esse interesse por objetos de consumo considerados já desatualizados aponta para o conceito de *retromania*, que tem colaborado para uma nova prática de consumo na sociedade atual (REYNOLDS, 2011). Podemos apontar uma possível memória afetiva com o artista e as músicas lançadas em 1982.

Em novembro de 2022, o álbum *Thriller* completou 40 anos do seu lançamento e essa data comemorativa proporcionou diversas notícias na internet. No dia do aniversário deste álbum, a Sony Music, em parceria com o espólio² de Michael Jackson, lançou uma versão comemorativa do mesmo chamada “*Thriller 40*”. De acordo com a mídia, a nova edição “chega em CD duplo composto pelo disco original e um segundo disco cheio de surpresas para os fãs, incluindo faixas inéditas” (MJ BEATS, 2022). Além do álbum comemorativo, no site do cantor se encontram à venda camisetas, moletons e bonés feitos especialmente para essa data. Essas notícias repercutiram alguns comentários nas redes sociais.

Para compreender a repercussão do álbum nos dias atuais, como problemas de pesquisa, levantamos as seguintes questões:

² Espólio é o conjunto de bens e direitos deixados por uma pessoa que veio a falecer para os seus herdeiros. Em linhas gerais, podemos dizer que Espólio é o patrimônio líquido que uma pessoa possui antes de partir.

- De que forma a memória coletiva potencializa a audiência do álbum *Thriller* na cultura participativa atualmente?
- Qual o papel da memória coletiva nesse contexto, visto que o álbum lançado 40 anos atrás ainda reverbera referências e continua no topo dos discos mais vendidos no mundo?
- Como se configura uma memória afetiva mercantilizada em produtos sobre o álbum *Thriller*?

Com todo o impacto e relevância mostrados anteriormente, o álbum *Thriller* é o objeto principal desta pesquisa que tem como objetivo geral analisar o porquê do álbum *Thriller* ainda reverberar nostalgias e memórias na mídia, na cultura pop e participativa conectada em rede. Sendo assim, definem-se como objetivos específicos: **a)** Analisar o motivo do álbum *Thriller* estar no topo de vendas após 40 anos; **b)** Verificar quais memórias existem neste álbum que repercutem nas redes sociais, servindo de referência para artistas e consumidores da cultura pop e participativa; **c)** Demonstrar como o álbum apresentou contextos socioculturais da época; e **d)** Explicar como a memória afetiva é mercantilizada em relação aos produtos nostálgicos sobre o álbum.

Nesta dissertação serão estudados os conceitos de cultura focados na Cultura Pop (KELLNER, 2001), cultura convergente e participativa (JENKINS, 2009), que movimentam o mercado atual da música, como também a identidade cultural dessa sociedade. A memória coletiva (HALBWACHS, 2006) e a influência da convergência das mídias são o foco deste estudo, atrelado aos conceitos de *technostalgia* (HEIJDEN, 2015) e retromania (REYNOLDS, 2011) que podem ser aplicados no objeto de pesquisa desta dissertação.

Justifica-se essa dissertação pelo interesse no objeto principal da pesquisa, na forma como o mesmo pode ser associado aos conceitos de *technostalgia* e retromania citados anteriormente, e na compreensão de como o passado pop, da década de 1980, é visto nos atuais meios convergentes. Enquadra-se, tal pesquisa, na linha de pesquisa Linguagem e Cultura que faz parte do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Unisul, e contribuirá com as investigações do grupo de pesquisa Memória, Afeto e Redes Convergentes. Sendo assim, torna-se interessante buscar compreender como o álbum *Thriller* pode ser tão relevante nos dias atuais, mesmo depois de tantos anos após o seu lançamento.

Halbwachs (2006) fala que nossas impressões sobre os acontecimentos devem se basear de forma conjunta com as lembranças de outras pessoas e não somente com as nossas, pois se agirmos assim teremos mais exatidão em nossas recordações e isso ocorre através da memória

coletiva. O agrupamento dessas memórias pode estar mais ativo nos ambientes convergentes em que vivemos, já que neles criamos círculos sociais e podemos facilmente compartilhar nossas histórias. Atualmente, o uso das mídias vai além do entretenimento, “nossa vida, nossos relacionamentos, memórias, fantasias e desejos também fluem pelos canais de mídia” (JENKINS, 2009, p. 45).

Buscando o termo ‘*Thriller*’ no catálogo de teses e dissertações da Capes³ foram encontrados 19 resultados, sendo que apenas um deles refere-se ao videoclipe de Michael Jackson. Na dissertação encontrada, o autor falou sobre o horror cinematográfico e como esses conceitos são utilizados pelo artista no desenvolvimento do videoclipe, porém não foram mencionadas questões sobre nostalgia e meios convergentes. Além desse trabalho citado, foram encontradas outras duas dissertações falando sobre Michael Jackson. Elas abordam questões mais focadas na construção imagética do cantor, mas nada relacionado diretamente ao álbum *Thriller* ou outros aspectos referentes a esse projeto. Ao procurar pelos termos “*technostalgia*” e “retromania” nenhum resultado foi encontrado.

Porém, no Google Acadêmico, “*technostalgia*” aparece centenas de vezes em pesquisas desenvolvidas em outros idiomas e apenas 4 resultados no idioma português. O termo “retromania” apresenta 143 resultados e, quando agrupado ao termo “*Thriller*”, surgem 8 resultados, porém nenhum deles possui o álbum em questão como o foco da pesquisa, sendo apenas brevemente citado como uma referência ao tema.

Concluimos, portanto, que há poucos estudos brasileiros sobre as teorias citadas e apenas uma pesquisa focada em *Thriller* de Michael Jackson, mas que possui objetivos bem diferentes dos apresentados neste projeto. Isso nos mostra uma lacuna que pode ser preenchida por meio desse estudo proposto, ou seja, entender como o produto midiático em questão pode ser analisado pela ótica da nostalgia e das memórias, como também compreender as teorias que abordam questões da atualidade e que fazem esse álbum musical ter tanto sucesso nos dias de hoje.

Nos próximos capítulos deste projeto será apresentada a revisão da literatura focada nos conceitos de memória, cultura da convergência, *technostalgia* e retromania. Em seguida, estão os aspectos metodológicos, que foram feitos por meio da análise de conteúdo com os comentários nas redes sociais acerca desse material.

³ <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

2 A TRAJETÓRIA DE MICHAEL JACKSON ATÉ O SUCESSO DE THRILLER

Michael Joseph Jackson nasceu dia 29 de agosto de 1958, na cidade de Gary, no estado de Indiana, nos Estados Unidos. Filho de Joseph e Katherine Jackson, foi o sétimo dos nove filhos do casal.⁴

A família grande e pobre era sustentada pelo pai, que trabalhava em uma usina siderúrgica e era um empresário musical sem sucesso. No tempo livre, gostava de tocar guitarra, porém era um pai muito rigoroso e deixava os filhos trancados durante o dia na pequena casa de dois quartos onde moravam. Os irmãos Jackson cresceram ligados à música, já que segundo a mãe, pegavam escondido a guitarra do pai e ficavam tocando e cantando durante o dia.

Inicialmente, os planos do patriarca da família era formar uma banda com Jackie, Tito e Jermaine, seus três filhos mais velhos, sendo o último o vocalista do grupo, surgindo, então, o grupo The Jackson Brothers, em 1964. Foi então que Katherine ouviu o pequeno Michael com apenas cinco anos cantando enquanto arrumava a casa. Ela ficou encantada com o talento do filho e resolveu contar a seu marido. Jackie, o mais velho dos filhos, foi quem ajudou a convencer o pai a incluir Michael nos ensaios, vindo a se tornar o vocalista principal.

Michael sempre foi precoce. Sua mãe lembra que, com um ano e meio, ele segurava a mamadeira e dançava no mesmo ritmo da máquina de lavar roupa. Sua avó, Chrystal Johnson (seu último nome de casada), lembrava-se de que ele começou a cantar por volta dos três anos. “E que bela voz ele tinha”, ela disse com entusiasmo. “Já naquela época, era uma alegria ouvi-lo” (TARABORRELLI, 2009, p.35).

Agenciados pelo pai, as crianças e adolescentes costumavam se apresentar em bares e exposições. Movidos pela ganância de Joseph, seus filhos, que na época eram menores de idade, também foram obrigados a tocar em bares de *strippers* e casas de prostituição. Ainda no início da carreira do grupo, participavam de muitos shows de talento, cantando músicas conhecidas na rádio, sendo que muitas vezes tinham o seu arranjo modificado por Joseph para que ficasse melhor que a original. Viajavam quilômetros para competir com pessoas de diversas idades e habilidades, por isso se empenhavam muito para conquistar a plateia. “As roupas, os sapatos, os penteados, a coreografia, tudo tinha que estar do jeito que Joe havia planejado, senão os meninos já sabiam que muitas surras o esperavam” (CROCIATTI, 2009, p. 36).

⁴ Todas as referências acerca da vida de Michael Jackson foram tiradas do livro “Michael Jackson: 50 anos do ícone do pop”, biografia publicada por Jonathan Crociatti, em 2009.

Em uma conversa entre o sr. Jackson e a modelo Evelyn Leahy, em um inesperado ambiente de *shopping* onde o grupo se apresentava, foi decidido um novo nome para a banda. Evelyn alegava que The Jackson Brothers soava meio antigo e que chamá-los de The Jackson Five parecia um nome moderno. Foi assim que a banda constituída por Michael, Jackie, Tito, Jermaine e Marlon passou a ter “o nome de um dos grupos mais famosos de todos os tempos” (CROCIATTI, 2009, p. 36). Nessa época, Michael tinha apenas seis anos de idade e já se apresentava com os irmãos. Além de ter uma voz peculiar e muito afinada, ele costumava se destacar dos irmãos pela naturalidade ao dançar e por criar passos de dança. Ainda criança, Michael desenvolveu uma busca incessante em aprimorar suas qualidades técnicas e suas performances, como também uma fixação em ser o melhor. Características comumente vistas ao longo de sua carreira e obras.

Após as apresentações dos The Jackson Five, Taraborrelli (2009) conta que Michael costumava ficar até o final de todos os shows para assistir os outros artistas e aprender cada vez mais. Quando procuravam o pequeno Michael, era fácil saber onde encontrá-lo, sempre nos bastidores estudando e ensaiando cada passo, movimento, gingada e emoção. A cada concurso vencido, o grupo ia ficando mais experiente, tornando-se conhecido e conhecendo diversos artistas de sucesso da época, com quem aprendiam diretamente como lidar com o mundo artístico.

Certa vez, antes de um show de talentos, um participante comentou com outro que era melhor ficar de olho no Jackson Five, “por causa desse anão que estão usando como vocalista principal”. Jackie ouviu e não conseguiu parar de rir. Ao saber disso, Michael ficou magoado. “Não posso fazer nada se eu sou o mais baixo”, ele reclamou, chorando (TARABORELLI, 2009, p. 42).

A aparência de Michael também era motivo de risos dentro da sua família. Seu pai, Joseph, era quem mais costumava debochar da aparência do filho, dizendo que seu nariz era largo e feio, uma herança genética que ele afirmava ter vindo da família de Katherine. Outro período de comentários hostis foi durante a adolescência de Michael, dessa vez em relação ao seu problema grave de acne. Crociatti (2009) justifica que o tratamento rude do pai com Michael viria da inveja que ele sentia do próprio filho, visto que Joseph tentou a vida inteira ser um músico de sucesso, mas teve seus sonhos frustrados. Como ele não teria motivos para atacar o talento de Michael, encontrou um ponto frágil no filho e passou a humilhá-lo. A inveja e agressividade sofrida por Michael na infância fizeram com que ele nunca se sentisse à vontade com sua aparência, passando uma vida até mesmo evitando olhar em espelhos.

Em 1968, já com bastante experiência de palco e algumas canções gravadas pela *Steeltown*, uma gravadora independente, os meninos do The Jackson Five foram chamados para fazer um teste na gravadora *Motown*, muito conhecida por abrigar diversos talentos da música negra norte-americana, como Diana Ross, Marvin Gaye e o grupo The Temptations. Berry Gordy, o dono da gravadora, aprovou o grupo e ficou muito empolgado com o talento dos meninos, prometendo fazer do The Jackson Five os melhores do mundo, que faria três sucessos consecutivos para o grupo, colocando os seus próximos discos no topo das paradas “e o futuro mostrou que ele estava 100% certo” (CROCIATTI, 2009, p.44).

Por ainda terem um contrato com a *Steeltown*, a gravadora anterior, o acordo com a *Motown* foi concluído apenas em agosto de 1969, com a solicitação de Berry Gordy pela mudança de toda a família para Los Angeles, o que facilitaria ao grupo fazer as gravações nos novos estúdios em Hollywood. Em outubro de 1969, o dono da *Motown* decidiu que para que Michael evoluísse mais rapidamente, teria de morar na casa de Diana Ross, pois somente assim ele teria a chance de aprender mais coisas convivendo com uma artista já estabelecida. Além do aprendizado musical, Diana Ross, que tinha recentemente saído do grupo The Supremes e mantinha um conturbado relacionamento com Gordy, ensinou para Michael a importância da imagem e de como se relacionar com mídia e público.

Como prometido por Berry Gordy, os sucessos começaram a ser lançados e o primeiro deles foi a canção “*I Want You Back*”. Com essa música, a nova descoberta da *Motown* foi lançada para o mundo e teve grande aceitação nas paradas musicais de música negra, além disso, “o precoce e cativante Michael conduziu seus irmãos mais velhos aos corações, lares e vitrolas da classe média branca dos Estados Unidos” (TARABORELLI, 2009, p. 72). Toda essa repercussão fez com que o The Jackson Five passasse por uma transformação visual. Estilistas foram contratados para ir em busca das roupas mais extravagantes para o palco e obter os melhores cortes de cabelo, afinal de contas, era a década de 1970 que se aproximava.

Quando a canção foi lançada em 1969, vendeu dois milhões de cópias em seis semanas. Em janeiro de 1970, ele já havia estourado nas paradas tirando o posto de número um da canção “*Raindrops Keep Falling on My Head*”. A partir daí, o próximo single seria “*ABC*”, que saiu em março de 1970 e vendeu três milhões de cópias em três semanas. Quando o terceiro single “*The Love You Save*” se tornou também o número um, a promessa que Berry havia feito ao fechar contrato com o Jackson 5 foi cumprida (CROCIATTI, 2009, p.47).

Dos cinco integrantes do grupo, todos iniciaram suas carreiras cedo, porém Michael era o mais novo e provavelmente o que mais sofreu com o afastamento de uma infância tradicional, que foi trocada por uma rotina árdua de gravações. Além de toda a exibição e pressão que existe

no mundo artístico, o pequeno Michael ainda tinha que lidar com a violência sofrida pelo seu pai durante toda a sua infância, pois julgava que a melhor forma de educar seus filhos era por medo.

Com músicas mais maduras e melodias menos infantis, a Motown percebeu que era hora do estilo do grupo tomar um rumo diferente quando o vocalista do grupo chegou à adolescência. Com 16 anos, Michael já apresentava mudanças significativas na voz, foi então que em 1974, depois de terem lançado alguns discos sem o resultado esperado, o grupo gravou a canção intitulada “*Dancing machine*” que se afastava da estética de som tradicional da época e já se aproximava de algo que se tornaria sucesso na década de 1980.

Em busca de assumir mais autonomia nas produções e criação do próprio material, em 1975, o grupo assina um contrato com a Epic Records, marcando assim o fim dos trabalhos com a Motown. Como resultado de um acordo judicial, o nome do grupo passou a ser The Jacksons, já que a antiga gravadora detinha os direitos do nome The Jackson Five. Nesse processo, aconteceu algo que deixou Michael muito abalado: a saída de Jermanie do grupo. O ex-integrante, que estava casado com a filha de Berry Gordy, decidiu continuar na Motown e seguir carreira solo. A solução encontrada foi colocar o irmão mais novo, Randy Jackson, no lugar de Jermanie, só assim o grupo continuaria a ter cinco integrantes.

Na nova gravadora, o grupo tinha mais possibilidades de lançar músicas autorais, o que explorou novas habilidades dos integrantes da banda. “O primeiro álbum do The Jacksons pelo selo Epic foi lançado em 1977. Michael foi o principal compositor do grupo, escrevendo hits como: *Shake your body (down to the ground)*, *This place hotel* e *Can you feel it?*” (CROCIATTI, 2009, p. 63). Com o desenvolvimento das suas composições, Michael encontrou condições para efetivar o início da sua carreira solo.

Michael Jackson participou, em 1978, do filme “*The Wiz*”, uma versão de “O Mágico de Oz” somente com atores negros. Ele interpretava o papel do espantalho e estava acompanhado de sua antiga amiga Diana Ross, que fazia o papel de Dorothy. Foi lá que conheceu Quincy Jones, produtor musical de renome com quem formou uma grande amizade e que nos próximos anos formaria também diversas parcerias profissionais. No ano seguinte, em 1979, Michael completou 21 anos e começou a ter controle total da sua carreira, o que marcou a sua separação definitiva dos irmãos, além de não renovar o contrato de empresário com o pai.

Em 1979, Michael assinou um contrato com a Sony Music e começou a gravar o álbum *Off The Wall*, que foi responsável por decolar sua carreira solo. Com a produção de Quincy Jones, Michael escolheu dez canções para dar forma a seu primeiro álbum solo lançado na vida

adulta, só assim o astro conseguiu desvincular a sua imagem do menino-prodígio que o acompanhou até a adolescência.

Com a canção “*Don’t Stop ‘Til You Get Enough*”, escrita por ele mesmo, ganhou o seu primeiro *Grammy*. Essa época já foi marcada por alguns recordes, sendo a primeira vez que um artista colocou quatro músicas de um mesmo álbum entre as dez mais tocadas nos Estados Unidos e no Reino Unido, deixando *Off The Wall* marcado como o álbum de *Black Music* mais vendido da história em 1980 (CROCIATTI, 2009).

Em 1982, Michael e Quincy Jones fizeram uma outra parceria e juntos trabalharam na produção do álbum *Thriller*. Esse álbum permitiu a Michael Jackson ganhar diversos prêmios importantes, quebrar recordes e ajudar a aumentar o espaço de artistas negros na *Music Television* (MTV), o recém-criado canal que costumava exibir videocliques. Ao lançar esse disco, o cantor já possuía a ambição de ultrapassar a venda dos álbuns anteriores e marcar a história da música, por isso ele e seu produtor Quincy Jones trouxeram uma ousada mistura de ritmos, divididas em nove faixas.

A maioria das faixas se tornaram grandes *hits*, como sua parceria com Paul McCartney chamada “*The Girl Is Mine*”, “*Beat it*” com Eddie Van Halen na guitarra, “*Billie Jean*” e, claro, “*Thriller*”. Crociatti (2009, p. 78) menciona que “Michael sintetizava o sucesso de *Thriller* em dois ingredientes básicos: talento e autoconfiança.” Tanto empenho fez o artista conquistar 8 prêmios *Grammy*⁵, 7 *American Music Award*⁶ e estar estampado na capa do Livro Guinness dos Recordes como o álbum mais vendido de todos os tempos, título que carrega até os dias atuais.

Lipovetsky e Serroy (2009), ao falarem sobre cinema e a evolução das telas, relatam que a explosão dos videocliques aconteceu na década de 1980, quando a união entre o som e a imagem começou a se popularizar. Nessa mesma década, *Thriller* se tornou uma sensação mundial poucos meses após o seu lançamento, que não influenciou somente a música, mas o comportamento de toda uma geração por meio da moda e novas danças. Esse impacto se deve principalmente aos videocliques, um forte produto midiático que tem o poder de lançar novas tendências e, segundo os autores, fortalecer o hiperconsumo.

⁵ Grammy Awards é uma cerimônia de premiação da "Academia de Gravação" dos Estados Unidos, que presenteia anualmente os profissionais da indústria musical com o prêmio Grammy, em reconhecimento à excelência do trabalho e conquistas na arte de produção musical.

⁶ Conhecido como “Prêmio da Música Americana” é uma premiação anual da música estadunidense, assim como o Grammy.

Difundir música e canção filmada não é mais suficiente: agora a música deve se combinar com um visual que funciona como moda e cinema, marca e estilo. Não mais a simples imagem do cantor, mas uma criação visual feita de “desconstruções em série”, destinadas a criar um posicionamento distintivo, uma “imagem da marca” para um público jovem ávido de sensações, *look* e originalidade (LIPOVETSKY E SERROY, 2009, p. 276).

Na época em que *Thriller* foi lançado, o canal MTV dava os seus primeiros passos e tinha um público majoritariamente de pessoas brancas, com pouco espaço para artistas negros na emissora. Michael Jackson, com o auxílio de sua gravadora, fez com que o videoclipe de “Billie Jean”, dirigido por Steve Baron, fosse transmitido na programação do canal se tornando o primeiro videoclipe de um artista negro a ser transmitido em televisão aberta, alavancando, assim, a audiência da emissora. Seguidos pelo sucesso de “*Beat it*” e “*Thriller*”, o videoclipe se estabeleceu como uma das formas mais vantajosas para se promover um álbum.

Crociatti (2009) diz que com *Thriller*, Michael inovou o mundo da música em muitos aspectos, sendo uma das formas mais significativas com a produção dos videoclipes, e completa, afirmando que:

Antes de *Thriller*, os videoclipes nunca trouxeram uma estrutura tão complexa e fascinante que envolvesse roteiro, efeitos especiais e coreografia. Para dirigir o vídeo, Michael chamou John Landis, que havia dirigido o filme *Um Lobisomem Americano* em Londres [...]. Em março de 1984, Michael lançou em VHS o videoclipe de *Thriller* acompanhado por um documentário sobre os bastidores da megaprodução (CROCIATTI, 2009, p. 78-79).

Com sua forma sempre inovadora de trabalhar, Michael Jackson impulsionou ainda mais a sua carreira, trazendo para si todos os holofotes. Depois de *Thriller*, lançou vários outros álbuns de grande sucesso, fazendo turnês mundiais e ganhando o título de Rei do Pop. A partir dessa notoriedade, sua vida profissional e pessoal passou por um turbilhão de acontecimentos que envolviam polêmicas sobre suas plásticas, vitiligo, o lugar onde morava, relacionamentos, filhos, acusações de abuso e muitos outros assuntos sobre sua personalidade excêntrica.

Em 1990, foi constantemente chamado pela Revista Forbes como o homem mais influente do mundo. Ele não conquistou esses elogios apenas pelo seu trabalho, mas também pelo caráter particular, tendo como uma das suas metas servir a humanidade. Dedicando uma vida inteira a aperfeiçoar o seu ofício, Michael era considerado um homem criativo e poderoso que buscava sempre tornar o mundo um lugar melhor. Durante sua vida fundou algumas instituições e doou parte dos seus lucros com a música para a caridade, sendo certificado pelo *Guinness Book*, em 2001, como o artista que mais contribuiu com as obras de caridade.

Em 2009, Michael Jackson anunciou aquilo que parecia ser o início do seu fim. No dia 13 de julho do mesmo ano, iniciaria uma série de 50 shows em Londres. A turnê *This Is It* seria para finalizar a sua carreira e logo se aposentar, mas os shows nunca aconteceram já que no dia 25 de junho de 2009 o cantor veio a falecer, vítima de uma parada cardíaca. Como os ingressos destes shows se esgotaram em poucos minutos, renderam mais um recorde para o cantor. Por mais que a empresa responsável pela venda de ingressos tenha entrado em contato para reembolsar os fãs, muitos escolheram ficar com o ingresso como uma última lembrança do Rei do Pop.

Os detalhes de sua morte e de sua excêntrica vida rendem muitas especulações na atualidade, mesmo depois de mais de uma década do seu falecimento. Por ser um artista mundialmente conhecido, sua figura e seu trabalho servem como inspiração para outros artistas até os dias de hoje e são partes fundamentais para o desenvolvimento dessa pesquisa.

3 MEMÓRIA COLETIVA E AFETIVA

Podemos observar que o apelo no entretenimento e na publicidade pela memória tem sido muito presente atualmente. Além de gerar um grande valor mercadológico, é um assunto que engaja o público e toca nas afetividades humanas. Trata-se de uma concepção persuasiva e mercadológica, segundo Bressan Júnior, Santos Neto e Barbosa (2021), em que o passado rentabiliza bons índices às indústrias culturais, visto o aumento do consumo de objetos e materiais advindos de épocas anteriores. A televisão, por exemplo, de acordo com os autores, recria laços constantes devido ao *déjà vu* oportunizado com as imagens reprisadas.

Maurice Halbwachs (2006) argumenta que não estamos sozinhos no mundo e sugere que estamos conectados ao próximo pelas memórias que nunca se caracterizam unicamente como individuais. As memórias fazem parte do nosso subconsciente, podendo se dividir em duas categorias: as memórias individuais e as memórias coletivas. Para Halbwachs (2006, p.76),

A memória individual não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente.

A partir desse fragmento, conseguimos entender que mesmo a memória sendo individual, ela necessita das lembranças de outros para ser totalmente formada. Pollak aponta, baseado nos estudos de Halbwachs, que “a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 1992, p. 2). A memória sofre transformações de acordo com cada indivíduo e se modifica conforme os lugares que a pessoa frequenta, a época que está inserida e o meio social que convive. Tedesco (2014) diz que um indivíduo produz suas memórias a partir das lembranças que compartilha com os grupos que pertence e interage; portanto, aquilo que somos de forma individual é a mistura de várias coletividades que estão inseridas em nós, incluindo nossas memórias.

Isso nos mostra ainda mais a força do pensamento coletivo e das memórias que podem ser construídas de forma conjunta. O poder do coletivismo das memórias é tão grande que até mesmo a mais subjetiva das lembranças, como uma história de vida pessoal, pode sofrer críticas

pelo cruzamento de informações vindas de outras fontes (POLLAK, 1992). Porém, para que a nossa memória possa se aproveitar de uma memória comum, é necessário que as histórias não deixem de concordar entre si. É preciso “que existam muitos pontos de contato entre uma e outra para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum” (HALBWACHS, 2006, p. 39).

A formação das memórias coletivas é tão potente que ultrapassa questões físicas e temporais. A combinação de lembranças pode acontecer, por exemplo, com pessoas que não estão inseridas no mesmo espaço físico, não viveram na mesma época e até mesmo não se conhecem pessoalmente. Halbwachs (2006, p. 31) fala que “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível.” Essa questão pode ser exemplificada também por meio do uso das redes sociais, onde pessoas de diferentes idades, culturas e locais compartilham suas memórias e atingem pessoas desconhecidas, mas que muitas vezes possuem a mesma vivência. A participação coletiva vai além da presença física do indivíduo, tem a ver com as formas de pensamentos e experiências vividas pelo grupo (BRESSAN JÚNIOR, 2019).

Na atualidade, vemos a necessidade dos indivíduos em pertencer a um grupo, pois é por meio dele que damos continuidade à nossa história, às nossas memórias e ainda nos diz quem somos. Em suas reflexões, Tedesco (2014) fala sobre pertencimento e a forma como esse conceito traz consigo a ideia de compartilhamento, cooperação, afetividade e, principalmente, uma identidade. O autor ainda diz que para legitimar os espaços de memória, a formação de comunidades se torna cada vez mais importante, uma vez que

A memória coletiva é importante para manter a integridade e a sobrevivência do grupo no tempo. Desse modo, a memória coletiva é caracterizada por um intenso componente afetivo, que nasce da estreita interação e do seu consequente intercâmbio de experiências entre os membros do grupo (TEDESCO, 2014, p. 181-182).

Ao falar sobre a antropologia das emoções, Le Breton (2009, p. 111) explica que o “homem está afetivamente presente no mundo”. Sendo assim, a nossa relação com o mundo e com as pessoas à nossa volta não nos toca de forma passageira, mas nos atinge de forma permanente, tornando os sentimentos uma forma de existência. Os estudos de memória estão altamente ligados com a afetividade, tanto que Halbwachs (2006) afirma que as memórias coletivas de uma comunidade surgem por meio das afinidades afetivas.

A memória, quando pensada de forma coletiva, tem um papel fundamental na sociedade, pois é por meio dela que se fortalecem as relações humanas, vindo a gerar uma memória afetiva. Em relação à essa temática, percebemos que existe “um trabalho do tempo e da memória sobre

as emoções, um trabalho de significado, que leva, por vezes, à modificação da forma como um acontecimento é experimentado" (LE BRETON, 2009, p. 118). Dessa forma, entendemos que a ação do tempo e o meio em que convivemos podem alterar nossas percepções de memória e nossas relações, assim como Halbwachs (2006) defende a exatidão da memória a partir das lembranças de uma outra pessoa, enfatizando a importância da coletividade e dos relacionamentos.

De acordo com Le Breton (2009, p. 127), a “cultura afetiva está socialmente em construção”. Sendo assim, para que haja a formação da memória afetiva de uma comunidade, é necessário que as lembranças do grupo se espalhem. Ao contrário disso, quando não há a possibilidade de rememoração com outros do grupo e as memórias se tornam inacessíveis para os seus membros, as lembranças acabam se dissipando e a identidade desta comunidade se abala. Percebemos, então, que as memórias servem para não somente manter vivas as lembranças, mas também para compreender o que se passa no tempo presente.

Curiosidade em reviver tempos não vivenciados, a necessidade de ter o passado como ponto de referência e anseios em relação ao futuro são aspectos que Huyssen (2000) apresenta como sintomas ligados ao retorno do passado. E quanto ao futuro, este mesmo autor diz que não nos inspira confiança, por isso temos o desejo cada vez mais forte de ir mais devagar e, para encontrar conforto, nos apegamos nas memórias. Percebemos que as memórias suprem várias áreas de nossa vida como: criar vínculos e afetos, buscar alívio, formar comunidades e, cada vez mais presente na atualidade, o retorno ao passado possui um poder mercadológico.

Foi a partir de uma necessidade coletiva que as práticas de rememoração do passado e sua preservação começaram a surgir, contribuindo para que as experiências e lembranças afetivas se mantivessem vivas. Para isso, ao longo dos anos foram criados diversos produtos midiáticos que possibilitaram não apenas uma experiência de consumo, mas também para conectar pessoas e constituir comunidades por meio de afinidades afetivas, vindo a desencadear uma memória coletiva.

No subitem a seguir, será apresentada a história dos monstros e zumbis na cultura popular e como eles contribuíram para a construção de uma memória que é propagada até os dias de hoje em diversos produtos midiáticos.

3.1 MONSTROS E ZUMBIS NA CULTURA POPULAR

As produções de entretenimento voltadas para o terror vêm se expandindo e em muitos casos estão acompanhadas de criaturas assustadoras para chamar ainda mais a atenção da audiência, como fantasmas, monstros e zumbis, sendo este último um dos destaques da atual cultura popular. Por terem sido construídos na história, os mortos-vivos geram uma curiosidade que vai além do horror decorrente das produções.

A primeira noção sobre os zumbis iniciou no Haiti, a partir do ano de 1804. Neste período, o país estava se tornando independente da França e esse cenário abriu um espaço para florescer o folclore afro-caribenho haitiano, partindo de um sincretismo religioso com o cristianismo, fruto da colonização dos europeus. Alguns líderes espirituais que chegavam no país como escravos apresentavam algumas religiões africanas, e da combinação de várias vertentes religiosas surgiu o “Voodoo”, que na sua crença possui uma criatura chamada Zôbi, um ser que existe como um cadáver ressuscitado (MASSAROLO; GOMES, 2013).

O Vodou foi muito importante para os haitianos na época por ter contribuído “para a união dos negros na luta pela independência, a elite afrancesada que apoiava, obviamente, as forças repressoras, o combateu por meio de sua desqualificação, bem como com medidas que proibiam o seu culto religioso” (FONSECA, 2011, p. 57). Como essa religião surgiu em um contexto de luta e resistência social no contexto haitiano, as tradições vindas do Vodou começaram a ser demonizadas e a imagem do zumbi passou a ser considerada algo aterrorizante.

Conforme apontam Prosperi e Gentini (2013), por ter sido a religião Vodou um forte meio de articulação, resistência e libertação da população escravizada, representava um risco ao poder dominante. Como consequência, muitas informações veiculadas sobre essa religião após aquela época e ainda nos dias atuais são recheadas de hostilidade, acarretando a desvalorização da cultura africana por parte da elite branca.

A atitude de descrédito quanto à cultura africana por parte da elite da época pode ser entendida como uma forma de impedir a perda de poder para movimentos que se rebelem contra tentativas de dominação cultural, política e econômica. Os zumbis que eram símbolo de força e resistência contra a exploração passaram a representar uma ameaça e um mal absoluto para os humanos, principalmente quando a imagem do zumbi chegou ao cinema, à televisão e outros tipos de mídia. A religião que surgiu a partir de um movimento antiescravista no Haiti tornou-

se um entretenimento globalizado, um grande símbolo do poder político e econômico no Ocidente.

As imagens cinematográficas, ainda que fictícias, representam as condições de existência de uma determinada comunidade. Dessa forma, entendemos que um momento singular da história é evidenciado por meio da rememoração de lembranças de um grupo, e que “nossas lembranças são sempre coletivas, porque para encontrarem eco precisam estar inseridas em uma rede de acontecimentos que as despertem” (MILANEZ, 2011, p.13). A partir desses acontecimentos históricos, podemos observar várias produções audiovisuais que popularizaram a história dos zumbis e, mesmo com algumas alterações no enredo, trouxeram aos produtores um novo nicho a ser explorado, tendo sido foi por meio do cinema que surgiu a fixação popular por esses seres.

Um dos primeiros longas-metragens sobre zumbis produzidos pela indústria Hollywoodiana foi *White Zombie* (1932), filme dirigido por Victor Halperin e estrelado por Bela Lugosi (SERRAVALLE DE SÁ, 2014). De acordo com Serravalle de Sá (2014), o filme mostra trabalhadores de um engenho de açúcar que são explorados pelo dono do moinho e manipulados por um feiticeiro que os escraviza combinando drogas, hipnotismo e magia negra. Mas o destaque principal do enredo se dá quando o feiticeiro usa de suas habilidades para escravizar uma mulher americana e a transforma em uma “zumbi branca”. Dessa maneira, o terror da história reside na escravização de uma pessoa branca, dando pouca importância para a escravização dos negros. Por consequência, o filme acaba reforçando preconceitos e apresentando uma visão negativa da cultura e sociedade negra no Haiti.

Figura 1 - Cartaz de divulgação do filme *White Zombie* (1932)



Alguns anos depois, introduzindo modificações que alteram significativamente o conceito do personagem zumbi, foi lançado o filme “A noite dos mortos-vivos” (1968), dirigido por George Romero, sendo considerado até os dias atuais uma inspiração para dezenas de outras obras. Inaugurando esse novo subgênero, o diretor de cinema liberta os zumbis de suas raízes caribenhas e os insere em um cenário apocalíptico, característico da ficção científica. De acordo com Serravallo de Sá (2014), o filme é um divisor de águas, atualiza o imaginário dos mortos-vivos e abrange outras questões que condizem com o tempo em que foi lançado.

Com um enredo praticamente inalterado nos dias de hoje, os filmes de zumbi se mantêm de forma simples, com mortos voltando à vida de maneira inexplicável, devorando ou contaminando os humanos, causando tormento e medo nos sobreviventes. Várias cenas de carnificina explícita, realizadas com efeitos especiais de baixa qualidade e produções precárias, fazem parte da extensa lista de filmes B.⁷ Entretanto, a popularidade dos filmes de zumbi despertou o interesse de outros diretores com maiores recursos, mesclando com outros gêneros e tornando a produção mais sutil.

Figura 2 - Cena do filme “A noite dos mortos-vivos” (1968)



Fonte: rollingstone.uol.com.br (2020)

De acordo com Teixeira (2013), o enredo dos filmes de zumbi segue a mesma ideia dos filmes pós-apocalípticos: são pessoas comuns que dividem sua vida entre uma rotina entediante e o trabalho cansativo, encontram a chance de iniciar uma vida nova ao encarar o fim do mundo

⁷ São denominados de "filme B" as obras cinematográficas que geralmente contam com um orçamento modesto, um grupo de atores inexperientes, um enredo em geral de terror ou ação, muitas vezes de qualidade medíocre ou duvidosa.

como uma aventura diferente e emocionante. O cenário de ataque zumbi e guerras nucleares se tornam entusiasmantes. “Afinal, onde aquele que se considera tolhido pelas convenções, normas e instituições encontraria um melhor lugar para realizar os seus desejos senão num mundo pós-apocalíptico, sem Estado, sem Lei e sem instituições?” (TEIXEIRA, 2013, p.14). Dessa forma, os filmes de zumbi e de cenários apocalípticos assumem uma nova importância e começam a atingir outras formas de mídia e entretenimento.

Não apenas no cinema de terror, mas outros produtos são baseados no enredo dos zumbis como nos videogames (*Dead Rising*, *Plants vs. Zombie*, *Resident Evil*), histórias em quadrinhos (*Marvel Zombies*, *Zombie Tales*, *iZombie*, *The Walking Dead*) e séries de televisão (*iZombie*), entre outros. Este fenômeno pode ser justificado pelo potencial de mercado, visto que esta nova cultura midiática

infectada pelos mortos-vivos contribui com aproximadamente US\$ 5 bilhões à economia mundial anualmente[...]. Isso sem contar o montante movimentado por outros produtos e alguns materiais de propaganda relacionados a eles (como camisetas, canecas, mouse pads, brinquedos e adesivos), músicas e sites independentes de fãs (PLATTS, 2013, p.548).

Falar sobre fantasmas, monstros e seres sobrenaturais começa a se tornar cada vez mais comum no entretenimento e na cultura da mídia. A cultura pop é um exemplo que aborda esses temas, tornando-se presente de forma cada vez mais significativa em artistas como Black Sabbath, Marilyn Manson, Motörhead e Alice Cooper com músicas que falam de forma frequente sobre monstros, mortes e forças ocultas (TEIXEIRA, 2014). No entanto, nenhum dos artistas citados anteriormente manipulava sua imagem da mesma forma como Michael Jackson fez ao tratar de produções voltadas ao terror.

Em suas obras, Michael Jackson conecta várias de suas produções (músicas, fotos e audiovisual) aos fantasmas, ao macabro, à morte, aos zumbis e outros monstros. O principal exemplo da carreira do artista, ao tratar de produções sobre terror, é a canção *Thriller*, que batiza o álbum de 1982, de autoria de Rod Temperton. Sensação de estar sendo encurralado, perseguição por criaturas assustadoras e sons assustadores são relatados na letra da canção:

“É quase meia-noite e algo maligno está te espreitando no escuro
Sob a luz da lua você tem uma visão que quase pára o seu coração
Você tenta gritar, mas o terror toma o som antes de você fazê-lo
Você começa a congelar enquanto o horror te olha bem nos seus olhos
Você está paralisado!
Porque isso é terror, noite de terror e ninguém vai te salvar
Da fera pronta para atacar, você sabe que é terror
Noite de terror, você está lutando por sua vida
Numa noite assassina de terror
Você escuta a porta bater e percebe que não há para onde correr

Você sente uma mão fria e pensa se ainda vai ver o sol
 Você fecha os olhos e espera que seja tudo imaginação
 Garota, enquanto isso, você escuta a criatura rastejando atrás
 Você está sem tempo
 Criaturas da noite chamam
 E os mortos começam a andar em seus disfarces
 Não há escapatória das presas desse alien dessa vez
 (Elas estão bem abertas) Esse é o final da sua vida!
 Eles estão lá fora para te pegar
 Há demônios chegando por todo lado, eles vão te possuir
 A não ser que você troque o número da sua ligação
 Essa é a hora para nós ficarmos juntos abraçados
 Por toda a noite eu vou te salvar do terror na tela
 Vou fazer você ver”⁸
 (TEMPERTON, 1982)

O videoclipe de *Thriller* apresenta Michael Jackson como o protagonista de um filme que se transforma em lobisomem. Depois de cenas aterrorizantes de perseguição, somos transportados para outro cenário, um cinema onde o cantor aparece como um jovem que estava se divertindo enquanto assistia um filme com a namorada amedrontada. Ao sair do cinema, a música do videoclipe se inicia e os personagens passam por um cemitério de onde surgem diversos mortos-vivos que começam a persegui-los. Michael Jackson se torna um zumbi para uma sequência de dança, volta ao normal para socorrer a sua namorada e termina olhando para a câmera, ao som de uma risada assustadora e com os olhos de lobisomem.

Um detalhe curioso apresentado por Crociatti (2009) é que Michael Jackson, na época Testemunha de Jeová por influência de sua mãe, ficou preocupado com questões religiosas ao produzir um videoclipe como *Thriller* e pediu para que as fitas fossem destruídas antes de serem divulgadas. Depois, o problema foi contornado lançando a produção com a seguinte observação: “Em respeito às minhas fortes convicções pessoais, esclareço que este filme não promove de maneira alguma a crença em fenômenos ocultos.”

⁸ Tradução encontrada em: <https://www.vagalume.com.br/michael-jackson/thriller-traducao.html>

Figura 3 - Cenas do videoclipe “Thriller” (1983)



Fonte: Elaborado pela autora. (2022)

Nos anos seguintes, após o lançamento do videoclipe de *Thriller*, outros artistas passaram a aplicar a estética do terror em suas produções audiovisuais. Em 1997, a *boy band* estadunidense *Backstreet Boys* lança o videoclipe da música ‘*Everybody (Backstreet’s Back)*’ com a presença de vampiros, múmias e fantasmas, além de uma sincronizada coreografia em grupo muito semelhante àquela feita em *Thriller*. No Brasil, a cantora Pitty lançou em 2005 o videoclipe da canção ‘De Você’, que possui em seu enredo uma invasão zumbi, quando em determinado momento a cantora e toda sua banda são atacados e se tornam parte do grupo de mortos-vivos.

Em março de 2022, a banda *Imagine Dragons* lança o videoclipe ‘*Bones*’ dirigido por Jason Koenig. O enredo da produção conta com um apocalipse zumbi invadindo *Wall Street* e transformando o local em uma boate assustadora, com zumbis dançando e diversas referências aos anos 1980. Segundo Dan Reynolds, vocalista do grupo, *Thriller* definitivamente serviu como inspiração para desenvolver seu último videoclipe intitulado “*Bones*”, pois desde criança achava a produção de Michael Jackson assustadora e divertida ao mesmo tempo.

Figura 4 - QR Code para acesso aos videocliques citados nessa seção



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A Cultura Pop, atualmente fortalecida pelas mídias digitais, está se reinventando com o avanço da tecnologia, mas percebemos que muitas tradições visuais e enredos continuam os mesmos. Os últimos exemplos apresentados mostram a força do terror no universo do entretenimento nos dias atuais e como a presença dos zumbis ainda continua uma tendência. Os zumbis que surgiram a partir de um contexto histórico, como uma forte representação da luta política e social ocorrida no Haiti, foram sofrendo modificações ao longo do tempo e atualmente possuem várias versões que chamam a atenção do mundo inteiro.

Essa tendência tem formado comunidades de fãs e movimentado a economia, criando uma lógica mercantil que tem se tornado cada vez mais forte no âmbito da memória e nostalgia. Sendo assim, o próximo capítulo irá apresentar reflexões sobre a memória de um ponto de vista mercadológico e de suas novas tendências, a partir da necessidade de materializar as lembranças.

4 **TECHNOSTALGIA E RETROMANIA: UMA MEMÓRIA MERCADOLÓGICA**

Vivemos em um mundo de constante avanço tecnológico que propõe dispositivos cada vez mais leves e minimalistas, como por exemplo os *smartphones*, computadores e televisões recentemente lançados. Ao mesmo tempo, testemunhamos a exploração da memória como bem de consumo por meio da reconstrução do passado em produções audiovisuais, na moda ou em outros produtos com design retrô que recebem uma nova roupagem de objetos antigos. As câmeras Instax que simulam o funcionamento de uma Polaroid, eletrodomésticos coloridos, vitrolas com tecnologia USB são alguns exemplos dessa tendência que explora uma estética nostálgica.

A nostalgia, de acordo com Neimeyer (2014, p. 6), “pode ser descrita como um fenômeno liminar e ambíguo que migra para estruturas emocionais e psicológicas profundas, bem como para estruturas culturais, sociais, econômicas e políticas mais amplas”. O teórico Fred Davis (1979) foi um dos pioneiros a notar que as produções midiáticas dos anos 1970, como músicas e filmes, passaram a ser permeados pela nostalgia, que seria um indício de uma crise identitária de uma geração descontente com as recentes transformações da sociedade. Gumbrecht (2010) fomenta essa percepção ao afirmar que a estética do passado se popularizou para compensar os conflitos que são gerados pela transformação tecnológica, cultural, política e social que é enfrentada nos últimos anos.

Entre 2000 e 2010, houve uma forte presença de referências ao passado nas mídias, na música, no design e na moda, fazendo com que Reynolds (2011), apelidasse esse período de “re-década”. O autor ainda afirma que as novas tecnologias e as formas de compartilhamento de informações facilitaram o acesso das atuais gerações ao passado, justificando a obsessão da sociedade nos artefatos culturais das décadas mais antigas. A internet se mostra como um espaço favorável para que os usuários dos diversos sites, *blogs*, fóruns e redes sociais possam manifestar as suas preferências e experiências nostálgicas de forma ativa.

Do ponto de vista dos estudos culturais e mercadológicos, existem dois conceitos que apontam para a nostalgia. Um deles é a *technostalgia*, que seria a recordação das tecnologias passadas unidas às práticas contemporâneas de memória (HEIJDEN, 2015). Nessa “nova forma de memória” as mídias não são mais mediadoras, mas se tornam o próprio objeto das nossas lembranças, visto que a *technostalgia* se tornou o reflexo de como “[...] o que e como nós lembramos, tanto individual quanto coletivamente, não podem ser vistos separadamente das

tecnologias de mídia que possibilitam esses processos de lembrança” (HEIJDEN, 2015. p. 105). Um exemplo dessa prática está na cultura pop atual, quando os artistas dessa década costumam usar instrumentos que remetem aos sons de músicas do passado e isso nos mostra o interesse, tanto dos artistas quanto do público, em rememorar esse tipo de conteúdo.

Compreende-se esta prática como uma tentativa de manter viva a memória desses ambientes antigos, solidificando ainda mais a cultura pop com esse híbrido entre o passado e o presente. A *technostalgia* vai além das recordações do que seria um período perfeito, mas também aponta para a junção do passado e do presente com o objetivo de oferecer uma experiência de sons feitos a partir de instrumentos e sintetizadores na música como uma estratégia de rememoração do tempo passado (PINCH E REINECKE, 2015).

O contato do público com esses acervos e o acesso a elementos do passado geram essa nostalgia e idolatria de uma época que parece melhor do que a que se vive hoje. Isso nos leva ao que Reynolds (2011) chama de *retromania*, o segundo conceito mercadológico que aponta para a nostalgia, como sendo um apego que a cultura pop possui ao seu próprio passado e assim usando de constantes referências a si mesma, bem como a volta de diversos elementos de décadas passadas ao presente.

Fomentando ainda mais a cultura consumista do século XXI, o movimento *retromaniaco* vem como um sistema forte de mercantilização de qualquer artefato do passado, segundo Reynolds (2011). O autor, embora aponte seus estudos para a materialidade sonora, amplia essas questões para diversas práticas culturais e processos midiáticos que enfatizam a comercialização de objetos nostálgicos.

A *retromania* aponta para um consumo de produtos considerados como bens culturais e que são produzidos e comercializados como *souvenirs*. A reincidência do passado, no eixo central da nostalgia, está ligada ao consumo de produtos físicos que possuem formatos já considerados desatualizados (JORDBREKK, 2016). Para Reynolds (2011), o desejo em rememorar o passado transcende as telas ao possibilitar novas experiências de consumo e que, por exemplo, o *revival* dos discos de vinil e das fitas cassete tem colaborado para novas práticas de consumo na atual sociedade.

Além de objetos, o *retrô* está presente em diversas outras formas de expressão, como a moda, por exemplo. O sujeito, ao se identificar com o *retrô*, muitas vezes se relaciona como uma forma de manifestar seus pensamentos políticos e sociais, seus posicionamentos e convicções, ou até mesmo de relembrar uma cultura que não teve a oportunidade de vivenciar. Esse comportamento compartilhado por muitos indivíduos faz com que as sensações de um tempo passado que jamais se repetirá sejam eternizadas.

São múltiplas as denominações encontradas para justificar a presença do antigo, do que já aconteceu em algum momento do passado e se reapresenta, sendo reaproveitado, retomado, revivido, reeditado inspirado, expressando-se em novos modos de vestir: revival, retrô, brechó, vintage, mas releitura é o conceito mais condizente com esse processo e o mais adequado para defini-lo (FEGHALI; SCHMID, 2008, p. 49).

O movimento retrô, que representa um fascínio pelo passado, pode ser visto em várias áreas da sociedade, demonstrando uma nova forma de existir no mundo, expressar sua individualidade e pertencimento a algum grupo social. Essa tendência fortalece ainda mais a comercialização de objetos nostálgicos por manifestar o poder das memórias e o apego emocional que o sujeito tem do seu passado, muitas vezes não vivenciado por ele próprio, mas por um imaginário criado de que tudo o que está relacionado ao passado é melhor do que o que está no presente ou no futuro.

Goulart Ribeiro (2018) observa que a indústria cultural está sendo movimentada pelo mercado da nostalgia e a comercialização desse passado tem se tornado uma tendência nos últimos anos, sendo considerada uma obsessão cultural. Huyssen (2000) associa a mercantilização da memória à "sociedade do espetáculo", prática observada por Adorno e Debord que é sustentada pela indústria cultural. No atual momento, “estamos obcecados com a cultura a re-re-presentação, repetição, replicação e com a cultura da cópia com ou sem original” (HUYSEN, 2000, p.24). O relançamento do álbum *Thriller* em uma versão comemorativa de 40 anos é um exemplo dessa prática, onde a comercialização desse objeto nostálgico será representada, repetida e replicada.

Como mencionado na introdução, em 2022, a Sony Music e o Estate of Michael Jackson anunciam o lançamento de *Michael Jackson Thriller 40*, um conjunto de dois álbuns, um composto pelas faixas original e um álbum extra, com raridades, faixas demo e canções inéditas em comemoração aos 40 anos de *Thriller*. Além dos discos de vinil, outros objetos como CD's, roupas, bonés e pôsteres também foram comercializados com a temática *Michael Jackson Thriller 40* para celebrar a data e oferecer aos fãs diversas possibilidades de adquirir produtos nostálgicos e que os fazem pertencer a um grupo seleto de pessoas, visto que alguns itens são exclusivos e até mesmo de difícil acesso aos fãs brasileiros.

Figura 5 - Site de comercialização dos produtos de Michael Jackson (2022)



Fonte: michaeljackson.com (2022)

Na imagem anterior (Fig. 5), temos uma pequena amostra dos produtos comercializados no site michaeljackson.com, plataforma oficial para a venda de produtos do cantor Michael Jackson. No topo do site, encontramos a frase “Celebre o *Thriller* 40 com a coleção de experiências imersivas dos 40 anos de *Thriller*” (tradução livre), um convite aos fãs para que adquiram os produtos ofertados. Dessa forma, o site potencializa a comercialização de itens nostálgicos e cria uma nova tendência em torno da comemoração dos 40 anos do álbum *Thriller*, atraindo ainda mais público e chamando a atenção para o assunto.

A Cultura Pop atual possui diversos artistas que se utilizam dessa rememoração de itens do passado, seja na comercialização de objetos ou no uso de referências visuais e sonoras, levando o seu público a adquirir esses hábitos de consumo por elementos antigos. Aplicando a retromania por meio dos discos de vinil, temos o álbum *Lemonade* (2016) da cantora Beyoncé, que ganhou dois Grammy's Awards e traz reflexões sobre a negritude e questões de vivências das mulheres pretas. Outros exemplos também são os álbuns *Fine Line* (2019) do cantor Harry Styles e *Sour* (2021), o primeiro álbum de estúdio da cantora estadunidense Olivia Rodrigo, que aos 18 anos lançou o disco com diversas canções que falam sobre relacionamentos amorosos e dramas adolescentes.

Esses exemplos apresentam artistas atuais que fortalecem o conceito de retromania ao lançar os seus álbuns com versões em discos de vinil. A seu público, em sua maioria jovens que provavelmente não vivenciaram a real época dos LP's, são apresentados as outras formas

de consumo das músicas. As plataformas de *streaming* e as outras formas de consumo digital continuam mostrando números expressivos, sendo a principal forma que os jovens escutam suas músicas, porém outras formas estão sendo disponibilizadas a fim de oferecer uma nova experiência ao consumidor.

Popularizado na década de 1980 e muito usado nos dias de hoje por diversos artistas musicais, o *sampling*⁹ é uma forma de representar o uso da *technostalgia*. Com essa técnica, o artista adquire os direitos sobre parte de uma canção já lançada e a usa em uma nova produção sonora. Na Cultura Pop, encontramos diversos exemplos como “*Gimme! Gimme! Gimme!*”, sucesso do grupo Abba em 1979 que foi sampleado na faixa “*Hung up*”, de Madonna, lançada em 2005. David Guetta lançou em 2022 uma canção, em parceria com a cantora Bebe Rexha chamada “*I’m Good (Blue)*”, que possui o *sampling* do hit viral conhecido como “*Blue (Da Ba Dee)*”, lançado pela banda Eiffel 65 em 1998 e que se tornou um grande clássico da cultura pop nas últimas décadas.

O álbum *Thriller* possui algumas canções que foram sampleadas por atuais artistas da cultura pop, como a canção “*Billie Jean*”, lançada em 1982, que foi sampleada por Justin Timberlake na canção “*Love Stoned /I Think She Knows*”, lançada em 2007. No mesmo ano, Rihanna utilizou um *sample* da música “*Wanna Be Startin Somethin*” de Michael Jackson para lançar sua canção “*Don’t Stop the Music*”. Ao utilizar essa técnica, a nova música lançada mostra uma junção do passado e do presente, oferecendo uma experiência de diferentes efeitos como uma estratégia de rememoração do tempo passado.

Figura 6 - QR Code para acesso as músicas citadas nessa seção



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

⁹ *Sampling* consiste em repetir partes de uma gravação preexistente em uma nova gravação. É uma técnica muito recorrente na indústria musical, especialmente na música eletrônica e no hip hop.

Compreendendo os conceitos de retromania e *technostalgia*, podemos perceber o quanto eles estão presentes nos meios de consumo atuais, sejam em objetos, na moda ou até mesmo na produção musical. Apesar de terem uma similaridade, esses conceitos possuem suas especificidades que apontam para o objeto de pesquisa e nos auxiliam a entender o novo cenário cultural que estamos vivendo, ou seja, a união de elementos do passado e do presente.

Conceitos como os vistos nesta seção são muito comuns de serem encontrados na cultura pop. Dessa forma, no próximo capítulo serão apresentados alguns conceitos sobre a cultura popular e de que forma ela se insere na atual cultura convergente e participativa.

5 CULTURA POP NA CULTURA CONVERGENTE E PARTICIPATIVA

Soares (2014) defende que as discussões acerca da cultura pop se ancoram, principalmente, nas questões do entretenimento e estão ligadas de forma intrínseca ao lazer e à diversão. Mas, desde o início do século XX, a concepção do pop tem ido além e está cada vez mais atrelada à produção e consumo de produtos, fenômenos e artistas, sendo orientada por uma lógica de mercado. Dessa forma, o entretenimento passou a ser um produto de consumo, devido ao surgimento da indústria cultural que pode ser definida como a “produção, distribuição e disseminação de conteúdos e bens científicos e artísticos padronizados, objetivando principalmente o lucro e a formação da cultura de massa, em detrimento da demanda ou expressões autênticas da cultura popular” (MACHADO, 2017, p.173).

Com o surgimento da cultura de massa, o entretenimento passou a ser criado para as grandes audiências, como filmes, programas de TV, shows e músicas com uma linguagem mais popular a fim de agradar um público maior. Quando uma pessoa, objeto ou característica, começa a se tornar de conhecimento universal, então podemos classificá-la como um elemento da cultura pop. Sendo assim, é preciso ressaltar que

o importante é que aquilo que se integra à cultura pop é necessariamente algo que tem ou teve grande identificação popular, seja por razões positivas ou negativas, e permaneceu na memória geral, tornando-se referência comum. Aquilo que não atraiu grande atenção popular cai nas brumas do esquecimento sem gerar referência relevante (SATO, 2007, p. 12).

Nesse momento, percebemos o quanto a memória coletiva é importante para transformar os produtos midiáticos em integrantes da cultura popular. É necessário que o material criado recaia sobre o gosto comum e se torne memorável a ponto de formar comunidades afetivas que propagam cada vez mais o conteúdo. Se assim não for, o conteúdo cai no esquecimento e, conseqüentemente, não faz parte da cultura popular. Isso nos ajuda a compreender que para algo comercial ser associado ao termo “popular” é necessário que o produto seja aprovado por grandes audiências e pelo público em geral, o que irá possibilitar também o lucro desejado pela indústria cultural.

Teixeira (2014) observa que, dentro dos estudos de comunicação, o termo “cultura popular” tornou-se mais comercial através dos meios de comunicação de massa. Com esse acontecimento, o termo foi ressignificado para “cultura da mídia”, criando a percepção de que “os meios de comunicação de massa em seus diversos suportes (audiovisual, escrito, eletrônico)

desempenham papel importante na produção, na difusão e no consumo de produtos culturais” (TEIXEIRA, 2014, p. 20). Dessa forma, podemos observar que os termos trabalhados estão cada vez mais indissociáveis, a cultura popular está sendo comercializada, enquanto as mídias trabalham para alavancar as vendas.

Kellner (2001) trata a cultura da mídia como algo onipresente e uma cultura que domina a vida cotidiana. De maneira alguma ela nos atinge de forma autoritária, mas usa de uma estratégia persuasiva e suave. Para o autor, uma das estratégias dessa cultura é tratar de assuntos atuais, apresentando a vida social contemporânea e as suas preocupações.

O entretenimento oferecido por esses meios frequentemente é agradabilíssimo e utiliza instrumentos visuais e auditivos, usando o espetáculo para seduzir o público e levá-lo a identificar-se com certas opiniões, atitudes, sentimentos e disposições. [...] A cultura da mídia e a de consumo atuam de mãos dadas no sentido de gerar pensamentos e comportamentos ajustados aos valores, às instituições, às crenças e às práticas vigentes (KELLNER, 2001, p. 11).

De acordo com Kellner (2001), a cultura da mídia se organiza no modelo de produção de massa, ou seja, produzido para a massa, sendo os meios de comunicação os principais responsáveis em disseminar essa ideia. A estreita relação entre a mídia e a cultura pop faz com que os produtos desse meio tenham muito sucesso, isso porque “a cultura pop só existe em função da repetição, e é a mídia que lhe confere esta condição” (MACHADO, 2017, p. 176). Por meio da mídia, a cultura pop estabelece formas de consumo que fomentam a formação de comunidades, a busca por pertencimento e a necessidade de compartilhar afinidades, tornando os indivíduos seres ainda mais globalizados.

Danesi (2012) associa a história da cultura da mídia com a cultura pop ao perceber que os diferentes estilos da música desse gênero estavam servindo como fonte de entretenimento para as audiências em massa. Ao se proliferar o conceito de música pop, a audiência também foi se fragmentando devido aos vários formatos digitais que temos disponíveis. Uma das principais vantagens, seja por celulares, computadores ou plataformas de *streaming*, é que a multiplicação dos meios auxilia os produtores e artistas a propagar sua música, fazendo com que o público certo seja atingido.

A proliferação dos meios de comunicação faz com que diferentes públicos sejam alcançados, porém essa popularidade traz algumas outras consequências como uma dificuldade na diferenciação entre ritmos e estilos musicais, tornando menos rígida a classificação exata e a distinção entre o popular e o erudito. Santaella (2004, p.52) defende que

Com o agigantamento crescente dos meios de comunicação de massa, no século XX, foram também crescendo as dificuldades para se estabelecer distinções claras entre o popular, o erudito e o massivo. Essas dificuldades atingiram seu clímax a partir dos anos 80, com o surgimento de novas formas de consumo cultural propiciadas pelas tecnologias do disponível e do descartável: as fotocopiadoras, videocassetes, vídeos, vídeos, o controle remoto, seguido pela indústria dos CDs e a TV a cabo, ou tecnologias para demandas simbólicas heterogêneas, e mais personalizadas.

É neste momento, com a diversidade de mídias e o fácil acesso aos meios de comunicação, que surge a Cultura da Convergência. Segundo Henry Jenkins (2009), autor e pesquisador do termo, a expressão é definida como uma mudança nas tecnologias, sociedade e cultura que ocorre em meio aos consumidores individuais e suas interações sociais com os outros. Afirma o autor que é a partir dela que ocorre a Cultura Participativa, onde o papel dos produtores e consumidores já não é mais dividido. Um exemplo dessa cultura está presente nas redes sociais, pois é lá que todos os usuários participam de forma ativa tendo a oportunidade de compartilhar seus pensamentos e histórias de forma igualitária.

Vale ressaltar que os estudos sobre convergência, por mais que sejam considerados um conceito moderno, não são analisados sob um ponto de vista tecnológico. Jenkins (2009), aponta que essa cultura vai além de unir múltiplas funções dentro de um mesmo aparelho e atinge uma perspectiva antropológica, sendo considerada uma transformação cultural que “ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros” (JENKINS, 2009, p. 30). Com o ponto de vista do autor, podemos refletir que as questões referentes à convergência das mídias têm uma relação forte com o comportamento do consumidor e suas experiências sociais com o mundo.

Juntando o novo comportamento do consumidor e suas formas de interação social por meios digitais, os usuários das redes se tornaram mais autônomos assumindo o controle das mídias e criando seus próprios conteúdos, construindo conhecimento de forma colaborativa. Dessa forma, surge um dos principais pilares da convergência, a cultura participativa.

Antes da convergência das mídias não era possível construir conhecimento de forma colaborativa, pois as informações eram dadas de forma unilateral, como as informações veiculadas em rádio e televisão. Na Cultura Participativa, o consumidor contemporâneo deixa de ser um receptor passivo e passa a criar e compartilhar seus próprios projetos. Com esse novo pensamento, “as indústrias de mídia compreendem que a cultura está se tornando mais participativa, que as regras estão sendo reescritas e que os relacionamentos entre produtores e seus públicos estão em fluxo” (JENKINS, GREEN, FORD, 2014, p. 63). O que era unilateral passou para uma grande rede de armazenamento de informações que pode ser acessada por qualquer pessoa conectada à internet. Isso aumentou ainda mais a possibilidade de colaboração

entre os membros da rede e, a partir disso, conseguimos entender melhor o conceito de Cultura Participativa.

Para tornar a experiência do consumidor mais rica e cheia de possibilidades, surge uma resposta para a convergência das mídias chamada Narrativa Transmídia, que apresenta "uma estética que faz novas exigências aos consumidores e depende da participação ativa de comunidades de conhecimento" (JENKINS, 2009, p. 49). Este conceito ocorre quando a história central de um produto, seja ele um livro, novela ou filme, expande sua narrativa para outros tipos de meios, não a mesma história, mas uma versão adaptada para o que cada plataforma tem de melhor. Essa prática envolve universos ficcionais e é exemplificada por Fechine e Bronsztein (2016, p. 2-3):

As histórias que começam a ser contadas na tela do cinema têm continuidade na tela da tevê e, depois, no computador. O procedimento também ocorre ao contrário com narrativas que surgem nas telas de computador, desdobram-se na tela do cinema e, a partir daí, chegam à tevê. Com esse tipo de estratégia, o objetivo agora é construir um complexo mundo ficcional que sustenta múltiplas relações entre os personagens e suas histórias.

Um dos meios em que a Narrativa Transmídia se faz mais presente é a internet, com o crescente uso das redes sociais onde surgem as comunidades de conhecimento que são usadas pelos fãs para gerar interação e discussões das narrativas. É neste momento que o público deixa de ser um consumidor passivo e se torna ativo, com muito mais liberdade para construir e propagar o seu próprio conteúdo. Nessa participação coletiva, os usuários acabam “comparando suas observações com as de outros fãs, em grupos de discussão on-line, e colaborando para assegurar que todos os que investiram tempo e energia tenham uma experiência de entretenimento mais rica” (JENKINS, 2009, p. 49). Dessa forma, podemos perceber uma estreita relação da Narrativa Transmídia com a Cultura Participativa, pois nela o coletivismo e a troca de informações se faz muito presente.

A Inteligência Coletiva, também presente nos meios convergentes, é aquela que Jenkins (2009, p. 56), descreve como a “capacidade das comunidades virtuais de alavancar a expertise combinada de seus membros. O que não podemos saber ou fazer sozinhos, agora podemos fazer coletivamente”. Para o autor, a internet se torna cada vez mais um veículo para ações coletivas. É no compartilhar de histórias através das redes sociais que muitos usuários combinam suas memórias, seja de momentos que viveram ou experiências que presenciaram. Com isso, podemos refletir sobre o poder dos meios convergentes em auxiliar na construção das memórias coletivas, partindo de experiências individuais que são expostas nas mídias por usuários que muitas vezes não estão inseridos no mesmo tempo e espaço.

A busca e compartilhamento de histórias de forma coletiva têm como base e objetivo o enriquecimento mútuo das pessoas, pois é por meio dessa prática que a experiência do usuário se torna mais profunda. Ao falar sobre as interações ocorridas no ciberespaço e o poder de compartilhar conhecimento, Cláudia Hardagh (2009), analisa que as relações entre os participantes dos meios convergentes estão mais profundas e afetivas, providas de sentimentos e emoções.

O que se procura nas redes sociais, organizadas em espaços hipermidiáticos, é exatamente a partilha/troca de informações, a comunicação de interesses diversos que passam pela pesquisa, pelas relações de amizade, de amor, de trabalho e de política. As redes sociais exigem que nos aprofundemos em conceitos como mediação, consciência, interação, criatividade, comunicação, partilha de conhecimentos, inteligência coletiva e interdisciplinaridade. Assim podemos pensar nas novas formas de associação que passam pelo ideal de relação humana compartilhada e livre (HARDAGH, 2009, p. 76).

Cada vez mais o consumidor busca expandir e preservar o seu direito de participar dessa cultura sob suas próprias condições, quando e onde quiser. O uso cada vez mais interativo da internet tem criado novas possibilidades, assim como a cultura de mídia, que como vimos, tem cercado e dominado nossa vida cotidiana. Em meio a essas atualizações do mundo digital, a Cultura Pop tem se fortificado e alcançado um maior número de consumidores. Por ser um fenômeno de massa, de forma persuasiva nos atrai a novas práticas, nos aproxima de outras pessoas e nos faz criar comunidades afetivas onde há troca de interesses. Nessas culturas da vida atual, nosso passado é revivido e novas memórias são criadas para o futuro.

Ao longo deste capítulo, percebe-se a importância desses assuntos já que se fazem presentes em nosso cotidiano e como cada teoria pode se complementar. Sendo assim, o próximo capítulo irá apresentar os percursos metodológicos dessa pesquisa que se baseia nas memórias da audiência publicada na internet, acerca do álbum *Thriller* de Michael Jackson, um famoso “produto” da Cultura Pop.

6 METODOLOGIA

Tendo em vista o sucesso do álbum *Thriller* nas décadas passadas e também nos anos atuais, como mencionado na introdução, temos as seguintes questões que norteiam a presente dissertação: de que forma a memória coletiva potencializa a audiência do álbum *Thriller* na cultura participativa atualmente? Qual o papel da memória coletiva nesse contexto, visto que o álbum foi lançado 40 anos atrás e ainda reverbera referências e continua no topo dos discos mais vendidos no mundo? Como se configura uma memória afetiva mercantilizada em produtos sobre o álbum *Thriller*?

Com a finalidade de responder a problemática dessa pesquisa, os aspectos metodológicos possuem características exploratórias. Foram usados como procedimento de investigação o método de Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (2011). Essa técnica de pesquisa é estruturada em três fases: 1) Pré-análise; 2) Exploração do material, categorização ou codificação; 3) Tratamento dos resultados, inferências e interpretação. Os dados coletados da pesquisa são validados pelo rigor na organização da investigação que este método possibilita, e com a coerência entre as fases é possível desviar de ambiguidade e obter resultados mais reais.

Não existe coisa pronta em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos tem de ser reinventada a cada momento, exceto para usos simples e generalizados, como é o caso do escrutínio próximo da decodificação e de respostas a perguntas abertas de questionários cujo conteúdo é avaliado rapidamente por temas (BARDIN, 2011, p. 36).

Para facilitar a coleta e organização dos dados, cada uma das três fases da Análise de Conteúdo é subdividida em outras categorias. Na pré-análise, primeira fase do método, temos outros processos como: leitura flutuante, escolha dos documentos, (re)formulações de objetivos, hipóteses e a formulação de indicadores. Na exploração do material, segunda fase do método, é feita a criação das categorias, que servem para apontar elementos importantes à pesquisa. No tratamento dos resultados, terceira e última fase do método, faz-se a interpretação dos resultados, etapa destinada à busca de significação das mensagens coletadas.

Bardin (2011, p. 37) destaca que nesse método há "um leque de apetrechos" que pode ser adaptado e aplicado em diversos campos de pesquisa, principalmente no das comunicações. Para a autora, o uso dessa técnica se faz útil quando há manifestações discursivas e nos mostra indicadores, quantitativos ou qualitativos, que permite entender as condições de produção e recepção das mensagens.

Mesmo com seus 40 anos de lançamento, o álbum *Thriller* continua sendo bastante comentado nas redes sociais, principalmente em datas comemorativas relacionadas ao cantor Michael Jackson. Sendo assim, a metodologia dessa pesquisa foi feita por meio da análise de conteúdo dos comentários publicados no *Twitter* e que falam acerca do cantor e do álbum *Thriller*. Com esse método podemos verificar, por meio do processo de transmidiação e convergência das mídias, quais memórias existem neste álbum que repercutem na atualidade e se é por meio da memória coletiva e da cultura participativa desse público que a audiência desse material se torna potencializada.

Para a coleta dos comentários no *Twitter*, foi feita uma busca avançada na rede social em comentários feitos no dia 30 de novembro de 2022. Nesse dia, em 1982, o álbum *Thriller* foi lançado, marcando muitas pessoas na época e continua repercutindo nas gerações atuais que vivem nos meios convergentes. Por se tratar do álbum mais vendido de todos os tempos, todos os anos nessa data são publicadas notícias em sites e comentários nas redes sociais falando sobre os impactos das músicas e videoclipes que envolvem esse lançamento.

O período para a coleta dos comentários no *Twitter* foi de sete dias. Foram separados os comentários feitos na data escolhida e também os que foram feitos três dias antes e três dias depois, assim totalizando os sete dias de coleta. Isso porque algumas notícias ou comentários do público sobre esta data podem ser veiculadas antes ou depois para lembrar de alguma exibição do artista nos canais de TV e/ou *streaming*. A busca foi feita no *Twitter* com as palavras-chaves “Michael Jackson” e “*Thriller*” e foram escolhidos apenas os comentários feitos no idioma português, pois o interesse dessa pesquisa é olhar para os casos no Brasil. Para obter os comentários, foram utilizadas as ferramentas de busca avançada do *Twitter*, que nos permitiu encontrar postagens que se enquadram na data, idioma e palavras-chaves escolhidas. Após o momento das escolhas, os comentários foram quantificados, catalogados e analisados com o objetivo de alcançar as respostas para os problemas propostos nesta dissertação.

Seguindo as etapas propostas por Bardin (2011), na pré-análise fizemos uma leitura flutuante dos materiais, fase que representa o primeiro contato com o objeto a ser analisado. Nessa primeira fase, identificamos várias mensagens com potencial de serem analisadas por corresponderem às métricas estabelecidas, o que nos levou para um segundo momento da pré-análise: a escolha dos documentos.

Em seguida, foi feita a coleta do material e chegamos nos seguintes resultados:

Tabela 1 - Primeira coleta de materiais

	POSTADOS	COLETADOS
Dia 27 de novembro	92 tweets	29 tweets
Dia 28 de novembro	95 tweets	21 tweets
Dia 29 de novembro	75 tweets	24 tweets
Dia 30 de novembro	119 tweets	98 tweets
Dia 01 de dezembro	78 tweets	36 tweets
Dia 02 de dezembro	99 tweets	40 tweets
Dia 03 de dezembro	90 tweets	35 tweets
TOTAL	648 postagens	283 selecionados

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Dentre os sete dias estabelecidos para a coleta dos materiais, foram encontradas 648 postagens que continham as palavras “Michael Jackson” e “*Thriller*”, das quais 283 foram selecionadas. O restante dos materiais não foi selecionado porque, apesar de possuírem as palavras-chave da pesquisa, não falavam sobre *Thriller* de Michael Jackson, por isso foram descartados. Após a exibição quantitativa dos números de publicações e os materiais já coletados, passamos para a segunda fase do processo de análise: a exploração do material e criação das categorias.

O primeiro objetivo da categorização, segundo Bardin (2011, p. 148-149), é “fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos”. A autora também afirma que a categorização e agrupamento de dados podem ser semânticos (categorias temáticas), sintáticos (verbos, adjetivos), léxicos (sentido das palavras, sinônimos) e expressivos (categorias que expressam conflitos diversos da linguagem). Para essa dissertação, optamos pelo agrupamento semântico para a criação das categorias, no intuito de estabelecer uma relação de proximidade entre as temáticas presentes em cada publicação. Baseado nos problemas de pesquisa desta dissertação, criamos duas categorias: “Memórias coletivas e afetivas na cultura participativa” e “Michael Jackson na Cultura Participativa”.

Para a primeira categoria relacionada às memórias, selecionamos as publicações feitas no Twitter e que se tratavam das lembranças do usuário referente ao álbum *Thriller* de Michael Jackson. Para “limpar” os dados, criamos a categoria “Não se aplica” para agrupar as

publicações que não são interessantes para o desenvolvimento dessa pesquisa. Nessa, enquadram-se *tweets* feitos por portais da internet especializados em notícias e os comentários que possuem as menções pesquisadas, porém não fazem parte do contexto das memórias do público referente ao álbum *Thriller*. Após o tratamento dos dados das 283 postagens selecionadas sobre o tema da pesquisa, observamos que 22 postagens se enquadram na categoria sobre memória e as outras 261 postagens não se aplicam à categoria.

Tabela 2 - Memórias coletivas e afetivas na cultura participativa

Total de postagens selecionadas = 283	
Categoria	Número de postagens
Memórias coletivas e afetivas na Cultura Participativa	22 tweets
Não se aplica	261 tweets

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Para a segunda categoria relacionada à representação de Michael Jackson na atual Cultura Participativa, avaliamos novamente as 283 postagens selecionadas e analisamos quais as que se enquadram na categoria “Michael Jackson na Cultura Participativa”. Os mesmos métodos usados na criação da primeira categoria para “limpar” dados foram usados nessa segunda etapa, dessa forma a categoria “Não se aplica” foi utilizada para descartar *tweets* feitos por portais de notícias e outros comentários que não se relacionam ao tema da pesquisa. Com a criação dessa segunda categoria, percebemos que das 283 postagens selecionadas, 48 se enquadram na categoria “Michael Jackson na Cultura Participativa” e as outras 235 postagens não se aplicam à essa categorização.

Tabela 3 - Michael Jackson na Cultura Participativa

Total de postagens selecionadas = 283	
Categoria	Número de postagens
Michael Jackson na Cultura Participativa	48 tweets
Não se aplica	235 tweets

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Visando os objetivos desta pesquisa, fizemos novamente uma leitura exploratória dos comentários selecionados e optamos por dividir as publicações em subcategorias temáticas. Nessa etapa, aplicamos a análise das relações que objetiva "extrair do texto as relações entre os elementos da mensagem, ou mais exatamente, dedica-se a assinalar as presenças simultâneas" (BARDIN, 2011, p. 259), que são feitas em uma relação de associação e mostram a frequência em que elementos significativos para análise do conteúdo aparecem no material a ser analisado.

Para fazer a divisão dos *tweets* em cada subcategoria, foram considerados os sentidos semânticos de cada postagem, que foram separadas e agrupadas conforme as semelhanças entre os assuntos e baseados nos temas dessa pesquisa. Com esse método, visualizamos quais elementos aparecem nestes comentários e que estabelecem significados próximos, conforme a frequência de expressões usadas. Bardin (2011, p. 260) explica que "quanto maior for a frequência dos elementos, maior será a sua importância, a coocorrência (ou a não coocorrência) de dois ou mais elementos revelaria a associação ou dissociação no espírito do locutor." Com isso, cada uma das duas principais categorias apresentadas anteriormente receberam três subcategorias que abordam de forma mais específica as temáticas desta pesquisa e nos auxiliam a encontrar as respostas para as questões que norteiam essa pesquisa.

Após perceber um número de falas que possuem relação entre si, separamos em 3 diferentes subcategorias temáticas os 22 *tweets* que falam sobre memória. As subcategorias foram criadas baseadas nos objetivos e na fundamentação teórica desta pesquisa e são elas: Memórias de infância e adolescência; Memórias relacionadas ao medo; e Memórias relacionadas a objetos nostálgicos.

Os 48 *tweets* feitos com a temática da cultura participativa também foram divididos em 3 subcategorias que foram criadas com base nos mesmos critérios da categoria anterior, sendo

elas: *Thriller* como referência na atualidade; Comemoração dos 40 anos; e Michael Jackson como representação social.

A seguir, elaboramos duas tabelas para esclarecer a divisão das subcategorias e a divisão dos *tweets* em cada uma delas:

Tabela 4 - Subcategorias de Memórias coletivas e afetivas na cultura participativa

Memórias coletivas e afetivas na cultura participativa	
Subcategoria	Número de postagens
Memórias de infância e adolescência	10 tweets
Memórias relacionadas ao medo	8 tweets
Memórias relacionadas a objetos nostálgicos	4 tweets

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Tabela 5 - Subcategorias de Michael Jackson na Cultura Participativa

Michael Jackson na Cultura Participativa	
Subcategoria	Número de postagens
<i>Thriller</i> como referência na atualidade	12 tweets
Comemoração dos 40 anos	30 tweets
Michael Jackson como representação social	6 tweets

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Com a coleta de todos os dados e a aplicação da metodologia descrita, foi feita uma análise quanti-qualitativa desse material baseado nos métodos de Bardin (2011), apresentados nesse capítulo, que ao serem combinadas as pesquisas bibliográficas, foram alcançadas informações suficientes para concluir de forma satisfatória a análise dessa pesquisa e alcançar os resultados desejados.

7 ANÁLISE DOS DADOS

A seguir faremos a análise dos dados com o objetivo de aplicar os procedimentos metodológicos que foram traçados no capítulo anterior para chegar aos resultados propostos por essa pesquisa.

Cada uma das duas categorias apresentadas será analisada em uma sessão diferente, levando em consideração os desdobramentos teóricos, os dados quantitativos de cada categoria e a análise de conteúdo dos comentários.

A próxima sessão se iniciará com a análise das postagens que se enquadram na categoria “Memórias coletivas e afetivas na cultura participativa”.

7.1 PRIMEIRA ANÁLISE - MEMÓRIAS COLETIVAS E AFETIVAS NA CULTURA PARTICIPATIVA

Ao buscar compreender de que forma a memória coletiva potencializa a audiência do álbum *Thriller* na atual Cultura Participativa, é importante voltar a atenção aos relatos do público e o que falam acerca das suas lembranças em relação a esse produto midiático nas redes sociais.

A partir dos pressupostos teóricos, pudemos observar que a memória afetiva pode ser desencadeada de diversas formas, podendo as lembranças surgirem das associações que um indivíduo faz em relação a um objeto, lugar ou espaço, como afirmam Le Breton (2009) e Pollak (1992). Assim, compreendemos que não há restrição para o desenvolvimento das memórias afetivas e nossas lembranças podem ser acionadas por múltiplos fatores, por isso desenvolvemos subcategorias que demonstram possíveis formas, através das quais as memórias podem vir à tona em relação ao álbum *Thriller*.

No total, tivemos 22 publicações coletadas e que se enquadram na categoria de Memórias Coletivas e Afetivas na Cultura Participativa. Essas publicações serão analisadas a seguir de acordo com as suas subcategorias, iniciando pelas memórias de infância e adolescência e, a seguir, as memórias relacionadas ao medo e a objetos nostálgicos, respectivamente.

7.1.1 Memórias de infância e adolescência

Das 22 publicações selecionadas que fazem parte da categoria de Memórias Coletivas e Afetivas na Cultura Participativa, 10 tweets fazem parte da subcategoria que contém relatos e lembranças do público sobre sua infância e adolescência relacionadas ao álbum *Thriller*.

Tava assistindo o clipe de Thriller do MJ e lembrei quando dancei na escola kkkkk até hoje sei a coreografia¹⁰

Lembrando aqui o dia que eu e meus amigos apresentamos uma coreografia no trabalho de Ed. Física com a bola de basquete e a música era Thriller de Michael Jackson

mano tava lembrando aqui que dancei thriller no colégio e ensinei todo mundo a coreografia contando 5,6,7,8 MANOOOOO QUE NOSTALGIA scr

Ouvindo Thriller, de Michael Jackson, lembrei que no 2º ano do EM eu cantei essa música, dançando a coreografia com amigos, vestido com uma camisa de um time de futebol que eu nem gosto, só porque, na época, tinha uma necessidade imensa de reforçar estereótipos heteronormativos.

Tenho muito orgulho de dizer q já fiz quase toda a turma dançar thriller numa festa de halloween do 4º ano q a gente e a prof tínhamos organizado

Lembrando aqui quando eu era guri sabia a coreo todinha de Thriller do Michael e todas da banda Calypso

Nos primeiros comentários apresentados, percebemos uma repetição na forma do público se manifestar usando o verbo “lembrar” em diversas conjugações, como nos trechos “*Tava assistindo o clipe de Thriller do MJ e lembrei...*”, “*Lembrando aqui o dia que eu e meus amigos apresentamos uma coreografia...*”, “*mano tava lembrando aqui que dancei thriller no colégio...*”, “*Ouvindo Thriller, de Michael Jackson, lembrei...*” e “*Lembrando aqui quando eu era guri sabia a coreo todinha de Thriller...*”. Ao fazer uma análise semântica do uso do verbo “lembrar” percebemos que na maioria dos casos ele se apresenta no passado, o que nos

¹⁰ Os tweets serão apresentados na íntegra, como publicado no twitter, em itálico e em destaque no texto de análise, com o recuo de parágrafo 2 cm, fonte Times New Roman, tamanho 12. Os autores dos comentários estarão em anônimo para não serem identificados por questões éticas. Quando for necessário reescrevê-lo durante o texto em que o estaremos discutindo, apresentaremos em aspas.

sugere que esses relatos se tratam de lembranças vividas no passado e que desde muito jovens, *Thriller* já estava presente na vida dessas pessoas.

Nas manifestações, também encontramos outras semelhanças, como o local e a época evocados ao falar sobre *Thriller*. Nas memórias apresentadas, percebemos relatos que remetem ao tempo de escola em trechos como “...quando dancei na escola...”, “...apresentamos uma coreografia no trabalho de Ed. Física...”, “...dancei thriller no colégio...”, “... lembrei que no 2º ano do EM eu cantei essa música...” e “ ...fiz quase toda a turma dançar thriller numa festa de halloween do 4º ano...”.

O momento escolar é uma fase da vida marcada pela convivência em grupos, principalmente em sala de aula, quando passamos boa parte do nosso tempo em contato direto com diversas pessoas. Como consequência dessa rotina, a escola também é um momento marcado pela construção de amizades. Nas lembranças que são relatadas nos *tweets*, podemos observar a presença de outras pessoas em alguns trechos como “...o dia que eu e meus amigos apresentamos uma coreografia...”, “...dancei thriller no colégio e ensinei todo mundo a coreografia...”, “...dançando a coreografia com amigos...” e “...já fiz quase toda a turma dançar thriller...”.

Halbwachs (2006) define que mesmo uma atividade sendo individual, a memória se forma pela participação do indivíduo em grupos, pois as pessoas se lembram ainda mais de situações que foram construídas em grupos de referências. Nos *tweets* analisados, percebemos a presença dos usuários em grupos de referências baseados na convivência escolar. Esse convívio em grupos fortalece as memórias coletivas e é importante para que essas lembranças continuem vivas e assim, anos depois, sejam relembradas nas redes sociais.

Em todos os relatos selecionados para essa categoria, percebemos que *Thriller* atinge diversas gerações e esteve presente na infância e na adolescência dessas pessoas, desde os primeiros anos de escola até a atualidade, marcando um momento da vida que é recordado nos dias de hoje e compartilhado, deixando registradas suas memórias em relação ao álbum e que as mesmas contribuem para a cultura participativa.

A forma afetiva que o homem encontra de estar presente no mundo, citada por Le Breton (2009), nos indica a importância dos relacionamentos para o surgimento das memórias coletivas, pois há um trabalho do tempo e da memória sobre as nossas emoções. Nos comentários analisados, percebemos que há sempre uma atividade sendo desenvolvida de forma coletiva e estas são fortalecidas por meio das relações humanas. Esse acontecimento ainda corrobora com o que Halbwachs (2006) diz sobre as nossas memórias serem mais exatas a partir das lembranças com outras pessoas, reforçando a importância da coletividade.

minhas primeiras lembranças de um clipe são single ladies e thriller, esses dois marcaram muito a minha infância

O álbum que marcou minha adolescência e juventude ainda é um de meus preferidos de todos os tempos. #MichaelJackson #Thriller #40anos

Os dois tweets apresentados anteriormente reforçam ainda mais a ideia de que o álbum *Thriller* é capaz de atravessar gerações. O trecho "*minhas primeiras lembranças de um clipe...*" mostra que se trata de uma lembrança do passado ao falar como foi o seu primeiro contato com videoclipes, sendo *Thriller* uma parte dessa memória, como apresenta o restante do tweet. Os dois comentários também comprovam que o álbum *Thriller* tem a capacidade de marcar as fases iniciais da vida das pessoas em trechos que dizem "...esses dois marcaram muito a minha infância" e "*O álbum que marcou minha adolescência e juventude...*". Essas foram experiências vividas no passado e continuam reverberando memórias até os dias de hoje, quando os usuários pensam nas músicas e videoclipes do álbum *Thriller*.

Criado para as grandes audiências, o álbum *Thriller* se mostra como um forte produto da cultura pop ao recair sobre o gosto comum. Para Sato (2007) esse é um parâmetro importante para medir a popularidade de um conteúdo. Além disso, o álbum se torna memorável a ponto de formar comunidades afetivas que continuam propagando esse conteúdo ao longo dos anos. Os números e *rankings* que apresentam a popularidade do álbum *Thriller*, atrelado ao número de comentários que surgem até hoje sobre ele nas redes sociais, nos mostram o poder da memória coletiva em manter vivo um produto midiático lançado há 40 anos que continua atravessando gerações e caindo na preferência de pessoas com diferentes idades e vivências.

Todo domingo o Fantástico exibia um clipe. Depois que passou Thriller a repercussão foi enorme e, atendendo a muitos pedidos, repetiram o clip no domingo seguinte

Memórias relacionadas à televisão também estão presentes nos tweets, como podemos ver no comentário apresentado anteriormente. O início desse relato com o trecho "*Todo domingo o Fantástico exibia um clipe.*" faz referência a um programa de televisão transmitido pela Rede Globo até os dias de hoje que, entre os anos 1973 e 1997, costumava reproduzir videoclipes em sua programação. Na noite do dia 4 de dezembro de 1983, um domingo, o Fantástico exibiu pela primeira vez no Brasil o videoclipe de *Thriller*. Com a parte do relato que diz "*atendendo a muitos pedidos, repetiram o clip no domingo seguinte*" podemos

compreender o quanto essa primeira exibição foi um sucesso e muito significativa para a época, resultando em uma segunda exibição na semana seguinte e um marco na memória das pessoas.

De acordo com Bressan Júnior (2019), muitas de nossas lembranças são constituídas graças à televisão e a oferta de seus produtos midiáticos, resultando em uma memória teleafetiva. Essa memória é constituída no momento em que a televisão se torna responsável por acionar e evocar nossas lembranças, constituindo um aparelho necessário para a construção das lembranças que compõem as memórias coletivas. Ao lembrar do videoclipe de Michael Jackson, a pessoa que fez o relato acessou suas memórias em relação a um programa de televisão e recorda que, no contexto da época, fez muito sucesso entre o público. Dessa forma, percebemos a construção de um laço social televisivo entre diversas comunidades de telespectadores que mantém vivas as suas lembranças.

7.1.2 Memórias relacionadas ao medo

Na categoria de memórias coletivas e afetivas na cultura participativa, selecionamos 8 *tweets* que possuem relação com as memórias relacionadas ao medo e fazem parte desta subcategoria. Em alguns relatos, percebemos que o medo em relação ao videoclipe e à música de *Thriller* fazem parte de um tempo passado, como observamos nos exemplos a seguir.

Clip de thriller meu traumatizou quando criança... até hoje eu tenho arrepios

Quando eu era menor, tinha medo do trailer da música thriller, mas sabia a dança de trás pra frente kkkkk

Sim eu tinha medo de thriller na época

É possível perceber uma relação entre esses relatos em trechos como “...quando criança” e “Quando eu era menor...” pois essas duas partes evidenciam que se trata de memórias que aconteceram na infância. O terceiro relato também nos faz refletir que se trata de uma lembrança do passado ao usar as expressões “tinha” e “na época” por apresentar um verbo no passado e uma expressão que é utilizada para fazer referência às situações que já aconteceram, respectivamente.

E eu q tenho medo do clipe de thriller até hj

se pá até hoje tenho medo do videoclipe de thriller

Corri atrás da minha mãe para escutar "thriller" de Michael Jackson, pq eu tenho medo dessa música akkka mds

Nos três comentários mostrados anteriormente, aparece o verbo “*tenho*” que está escrito no tempo presente, isso indica que o sentimento de medo em relação ao videoclipe e à música de *Thriller* ainda continua na vida das pessoas atualmente. Mais uma evidência sobre essa afirmação está na expressão “*até hoje*” que aparece nos dois primeiros *tweets*.

Esse medo pode ser justificado pela construção da própria obra de *Thriller*, principalmente quando se trata do videoclipe. Nele, o terror é evidenciado pelo contexto onde se passam as cenas, os momentos de perseguição e a presença de zumbis e lobisomens, além da mensagem que existe na letra da canção. Taraborelli (2009, p. 224) diz que a letra da música transmite o fascínio que Michael Jackson possuía pelo sinistro e o sobrenatural, e que “a letra incluía excitação e intriga, e terminava com um *rap* magistral de Vincent Price, o mestre do macabro.” Com os seus quase 14 minutos de duração, a história do videoclipe contém uma narrativa que assombrou a vida das pessoas e foi de grande impacto na época. E por meio dos comentários feitos no Twitter, percebemos que o sentimento de medo repercute na vida de algumas pessoas até os dias de hoje.

"Beat it" que mais gosto. Thriller o clipe mais sensacional, minha irmã diz que na época depois desse clipe, ninguém conseguia voltar do rolê sozinho.

Para evocar nossas lembranças do passado, Halbwachs (2006) argumenta que nos conectamos ao próximo pelas nossas memórias e que, no geral, nós precisamos recorrer à lembrança de outras pessoas, pois elas se tornam nosso ponto de referência. No comentário apresentado anteriormente, podemos ver um exemplo dessa afirmação no momento em que o usuário utiliza da memória de sua irmã para se expressar nas redes sociais. No trecho “...*minha irmã diz que na época depois desse clipe...*” ele fala sobre as lembranças de outra pessoa próxima a ele. É possível observar também que se trata de uma memória que abrange um grupo maior de pessoas por se tratar da lembrança de que na época em que o videoclipe de *Thriller* foi exibido “*ninguém conseguia voltar do rolê sozinho.*”

Pra quem não sabe, Thriller foi o motivo de eu ter MEDO do Michael por exatos 7 anos, e só acabou mesmo quando ele morreu. Eu chorar vendo esse clipe mostra o quão o Michael é importante para mim e a transformação que ele fez. Queria que você tivesse aqui, mas sua memória está

No tweet apresentado no parágrafo anterior, o trecho “...*Thriller foi o motivo de eu ter MEDO do Michael por exatos 7 anos...*” revela que no passado a pessoa passou a ter medo de Michael Jackson devido ao videoclipe de *Thriller*, mas no decorrer do mesmo comentário é possível perceber uma mudança de comportamento. Em trechos como “...*Michael é importante para mim...*” e “*Queria que você tivesse aqui...*” mostram um amadurecimento quanto ao medo, que com o passar do tempo, esse sentimento foi dando lugar a uma admiração, principalmente após a morte do cantor.

Sabemos que no passado, a figura dos zumbis foi construída para ser uma representação de força aos povos haitianos. Entretanto, segundo Fonseca (2011), esse movimento foi desqualificado e se tornou uma figura aterrorizante por conta de falsas informações vindas da elite e que demonizam a religião Vodú.

A partir dessa construção, as mídias como o cinema e a música começaram a utilizar a presença do zumbi como um personagem do terror e os mortos vivos passaram a assustar diversas gerações. Essa crescente aparição da figura dos zumbis, apesar de ser uma representação do terror, recaiu sobre o gosto popular e se popularizou na cultura midiática, dessa forma as grandes produções começaram a se movimentar, contribuindo aproximadamente com US\$ 5 bilhões para a economia mundial por ano, de acordo com Platts (2013).

Como já apresentado nesta pesquisa, Michael Jackson foi um dos precursores quando se trata do uso de zumbis e elementos de terror na produção de vídeos. Essa linguagem utilizada por ele marcou muitas gerações e trouxe à boa parte do público um sentimento de medo, seja pela música, imagens e caracterização dos personagens. Com o tempo, a figura dos zumbis foi se popularizando e se tornando cada vez mais comum em outros conteúdos como filmes, séries, livros e videogames.

Essa familiaridade com a imagem dos zumbis pode ter sido um fator importante para o amadurecimento do público, e o medo que possuíam em relação ao videoclipe de Michael Jackson foi sendo substituído por uma admiração ao trabalho do cantor, visto que naquela época, os efeitos e recursos tecnológicos utilizados nas gravações surpreendia o público e continuam servindo de referencial até os dias de hoje.

De acordo com Pollak (1992), a memória é um fenômeno coletivo e sofre modificações com o tempo. Outros fatores como o lugar, a época e o meio social onde o indivíduo está

inserido também afetam esse fenômeno. Os sentimentos que são relatados nos *tweets* por uma parte do público de *Thriller*, sejam eles medos vividos na infância, no tempo presente ou até medos que já foram superados, como também lembranças compartilhadas de outras pessoas, fazem parte de uma memória coletiva. Em cada relato percebemos uma época diferente, seja no passado ou no presente, e da mesma forma uma modificação nas memórias e na forma de lidar com as lembranças do passado, demonstrando ser um fenômeno que se constrói de forma coletiva e social.

Essa memória coletiva pode também ser explicada pelo fenômeno dos monstros e zumbis, comentado no terceiro capítulo dessa dissertação. Segundo Serravalle de Sá (2014), o filme *White Zombie* (1932) foi um dos primeiros longas-metragens a usar a figura dos zumbis e, após esse lançamento, muitas outras produções começaram a utilizar essa figura e fazer sucesso. O fato de a imagem dos zumbis estar sendo disseminada ao longo dos anos traz nesse medo uma forte relação coletiva em que as pessoas se identificam e acabam relatando esses sentimentos vindos de algo que já está socialmente “legitimado”. Percebemos nesses *tweets* que a demonstração desse medo traz consigo algo que já é do passado, algo conhecido, pois certamente essas pessoas já tiveram esse mesmo sentimento vindo de outras figuras, como as dos zumbis. Consequentemente, o fato de olhar para *Thriller* e ver esses monstros gera uma identificação, porque outros zumbis já passaram na cultura pop e podem reforçar essa memória coletiva por meio do videoclipe de Michael Jackson.

7.1.3 Memórias relacionadas a objetos nostálgicos

Nessa última subcategoria sobre memórias, identificamos 4 *tweets* que se relacionam com a lembrança de objetos nostálgicos acerca do álbum *Thriller*.

acabei de lembrar eu tive um vhs com o making-of de thriller. queria achar rs.

"Thriller" nasceu para ser o disco dos recordes... Além de ser o que mais vendeu na história, foi o primeiro disco que eu ganhei na vida... e que eu quebrei acidentalmente no mesmo dia. Um recorde também.

Nos comentários apresentados anteriormente, percebemos a presença de objetos nostálgicos quando os autores dos *tweets* falam sobre VHS (*Video Home System*)¹¹ e disco de vinil, sendo as duas situações descritas por lembranças do passado. O primeiro *tweet*, quando relata “*acabei de lembrar eu tive um vhs...*” com o verbo “ter” no passado, indica uma lembrança de um acontecimento que já ocorreu, há uns anos a pessoa possuía o VHS, mas hoje em dia não possui mais. O *tweet* se encerra com a declaração “*queria achar...*” confirmando a última afirmação sobre não ter mais o objeto.

No segundo *tweet* vemos uma situação muito semelhante. Ele se refere ao álbum *Thriller* no trecho: “*...o primeiro disco que eu ganhei na vida...*” com a frase sendo escrita no passado, com isso compreendemos ser uma lembrança de algo que já aconteceu. No restante do comentário ele relata que “*...eu quebrei acidentalmente no mesmo dia...*” ou seja, faz referência a um objeto que possuía, mas nos dias de hoje não possui mais.

Essas duas lembranças percebidas nos *tweets* se tratam de objetos nostálgicos que podem ser vistos como um produto físico que é consumido nos dias atuais, mas já possui um formato desatualizado (Jordbrekk, 2016) e que, de certa forma, ainda continuam fazendo sucesso por conta de um movimento retromaniaco.

Nas ocasiões relatadas, os usuários não possuem mais os objetos, mas é possível notar uma certa afetividade com a época que ainda os tinham. No primeiro caso, o usuário comenta que gostaria de encontrar o VHS, que possivelmente está perdido, para vivenciar novamente a experiência de ter um objeto nostálgico. Já no segundo caso, o usuário relata que ganhou o disco de *Thriller* no passado, o que nos leva a refletir que há outras pessoas envolvidas nesse momento, visto que o objeto pode ter sido um presente, gerando assim um afeto ainda maior com a lembrança do disco.

Esse sentimento aponta para a retromania que Reynolds (2011) classifica como um apego ao próprio passado que é despertado no tempo presente e projetado em objetos nostálgicos que passam a ser comercializados como *souvenirs*. Nos dois *tweets* analisados, os objetos nostálgicos, por estarem apenas na memória, acabam criando um valor maior, principalmente um valor sentimental, já que esses itens estão presentes apenas em suas lembranças.

Adoro meus LPs velhinhos, cheios de marca e de história! Esse fez 40 anos hoje!
#MichaelJackson #Thriller #Thriller40Day

¹¹ Padrão comercial para consumidores de gravação analógica em fitas, tornando-se o mesmo um grande contribuidor para a indústria de televisão.

Utilizando a *hashtags* “#Thriller40Day”, o *tweet* anterior foi feito no dia 30 de novembro de 2022, exatamente quando o álbum *Thriller* completou 40 anos, como forma de homenagem ao disco pela data marcante. Em anexo ao *tweet* o usuário publica fotos dos seus LPs¹² de *Thriller* e apresenta sua coleção de discos afirmando que são “...cheios de marca e de história!”. Novamente percebemos um apego ao passado que recai sobre objetos nostálgicos, quando o usuário diz adorar os seus discos e que suas marcas possuem histórias e possivelmente muitas memórias.

Diferente dos dois últimos *tweets* analisados, nessa ocasião, o usuário ainda possui os objetos e os exibe em suas redes sociais como forma de enaltecer os seus itens. A retromania pode ser observada nesse contexto, já que o comentário representa uma admiração pelo passado e por sua coleção de objetos nostálgicos, seja para expressar a individualidade do ser ou até mesmo o seu pertencimento a um grupo social. Essa prática também fortalece a comercialização de objetos nostálgicos, visto que Goulart Ribeiro (2018) considera essa tendência uma obsessão que movimenta a indústria cultural.

E eu percebi que sou velha porque eu comprei a versão física do Thriller 25 kkkk é isso monas o tempo voa

O último *tweet* a ser analisado inicia com a frase “E eu percebi que sou velha...”, sentimento que foi despertado quando o usuário percebeu, por meio das redes sociais, que o álbum *Thriller* estava completando 40 anos. O desenvolvimento do comentário remete ao ano de 2008, quando uma versão comemorativa de *Thriller* foi lançada para celebrar os 25 anos do álbum e a pessoa em questão lembra que comprou o disco naquela época. Nessa ocasião, é possível perceber o poder da internet em ativar as memórias do público e despertar a vontade de compartilhar as suas experiências nas redes sociais.

Halbwachs (2006) explica que as lembranças são despertadas porque os outros nos fazem recordá-las. Nesse caso, as redes sociais fizeram o usuário lembrar de um momento ocorrido anos atrás e perceber que “...o tempo voa”, como relatou em seu *tweet*. Dessa forma, percebemos que há uma ação coletiva na ativação das lembranças, ainda mais quando se está diante de algo que viveu no passado. Essa rememoração feita na internet tem como

¹² Disco fabricado em vinil usado para gravação e reprodução de som, nomeadamente música. LP são as iniciais de “Long Play”, uma vez que este tipo de disco permitia um tempo de reprodução muito superior ao seu antecessor, o disco de 78 rotações por minuto, que armazenava 4 minutos e meio de som por lado.

consequência engajar um determinado público a falar sobre um assunto, nesse caso, os 40 anos do álbum *Thriller*.

7.2 SEGUNDA ANÁLISE - MICHAEL JACKSON NA CULTURA PARTICIPATIVA

A Cultura Participativa permite que, por meio das redes sociais, os consumidores também se tornem produtores e compartilhem suas histórias e pensamentos. Por conta disso, a segunda parte dessa análise busca verificar, por meio dos comentários feitos pelo público no Twitter, quais elementos o álbum *Thriller* possui e que repercutem nas redes sociais, servindo de referência para artistas e consumidores na atual cultura pop e participativa. Também buscamos demonstrar a forma que o álbum apresentou contextos socioculturais da época, levando em consideração todas as barreiras sociais que foram atingidas e que resultaram em um sucesso de vendas.

Os 49 *tweets* coletados para essa categoria foram divididos em três subcategorias que falam sobre as referências de *Thriller* encontradas na atualidade, a comemoração dos 40 anos do álbum e a representação social de Michael Jackson a partir do lançamento de *Thriller*.

7.2.1 *Thriller* como referência na atualidade

No dia 23 de novembro de 2022, a plataforma de *streaming* Netflix lança a 1ª temporada de “Wandinha”, que tem como protagonista a filha adolescente de “A Família Addams”, uma produção audiovisual que faz sucesso desde os anos 1960. De acordo com uma matéria publicada pela CNN Brasil (2022), “Wandinha” bateu um recorde e se tornou a série com melhor estreia na Netflix, acumulando 341,2 milhões de horas assistidas em apenas uma semana, ultrapassando o lançamento da 4ª temporada de “Stranger Things” que era de 335,01 milhões de horas assistidas no mesmo período de tempo.

Apesar da série atingir um público de maior idade por conta da nostalgia que os personagens proporcionam, o maior sucesso foi entre o público adolescente que se identificou

com a personagem principal e pelo enredo que foi modificado e trazido para dias mais atuais, demonstrando dramas da vida moderna e o uso das redes sociais.

No quarto episódio da série, Wandinha participa de um evento da sua escola e em determinado momento começa a dançar. Sua dança se tornou uma tendência no mundo real e viralizou em diversas redes sociais, principalmente no TikTok ao som de 'Bloody Mary', canção de Lady Gaga. Além dessa repercussão, os movimentos feitos por Wandinha também geraram alguns comentários na internet em relação às semelhanças com a dança que Michael Jackson faz no videoclipe de *Thriller*. Algumas dessas semelhanças podem ser observadas na imagem abaixo e logo após, alguns dos comentários coletados sobre o assunto.

Figura 7 - Comparativo das danças de Wandinha e Michael Jackson



Fonte: Elaborado pela autora. (2023)

a melhor parte da wandinha até agora é essa dança meio thriller meio pulp fiction

essa coreografia que wandinha faz lembra muito bad romance e thriller

wandinha dançando com os passinhos de thriller, nao sei se quero ela ou se quero ser ela

Caralho¹³ filho esse estilo da wandinha de dançar parecendo Thriller é muito louco

¹³ Como explicado no início do capítulo da análise, optamos em reescrever na íntegra os comentários do Twitter, incluindo expressões populares, de baixo calão, abreviações e erros de digitação.

Nesses quatro *tweets* apresentados, observamos que as pessoas percebem uma semelhança entre a dança de Wandinha na série e os movimentos de Michael Jackson no videoclipe em trechos como “...*essa dança meio thriller...*”, “...*faz lembra muito bad romance e thriller*”, “...*dançando com os passinhos de thriller...*” e “...*esse estilo da wandinha de dançar parecendo Thriller...*”. Em nenhum momento as pessoas apontam que a coreografia é uma cópia exata, mas é possível afirmar que todas elas acessam algo em suas lembranças que as fazem ter essa associação entre algo do passado com algo que estão assistindo na atualidade. Isso reforça a memória coletiva, ou seja, por mais individual que sejam nossas memórias, há elementos na coletividade que formam e evocam essas recordações.

Algo interessante a ser analisado é o fato da série “Wandinha” ter sido lançada exatamente uma semana antes do álbum *Thriller* completar 40 anos. No dia 30 de novembro de 2022, uma semana após o lançamento da série, “Wandinha” bateu o recorde de melhor estreia na Netflix e os portais de notícias começaram a divulgar esses dados. Essa data também é marcada pela chegada do quadragésimo aniversário de *Thriller* e muitas mídias também noticiavam essa comemoração. Com isso, analisamos o fato de que os dois acontecimentos no mesmo dia podem ter auxiliado o público a fazer essa associação entre as duas produções, visto que as duas notícias eram divulgadas de forma simultânea nas redes sociais com o compartilhamento de vídeos e imagens.

Na série e no videoclipe é possível notar outras semelhanças: os dois produtos pop apresentam elementos sombrios e próximos ao mundo dos monstros e zumbis. Como apresentado na fundamentação teórica, a história dos zumbis, tendo início na cultura haitiana, foi se mostrando como uma nova fórmula de fazer sucesso nas telas. Sendo assim, usar o terror nos produtos populares reforça uma tendência que atrai a atenção do público e gera muitos lucros, movimentando em bilhões de dólares a atual cultura mundial do entretenimento, segundo Platts (2013).

Olha que legal, A Jenna Ortega se inspirou em várias coreografias dos anos 80 para fazer a dança da Wandinha, incluindo Thriller! (SABIA QUE ERA FAMILIAR PRA MIM)

Vocês repararam nas referências dessa dança da Wandinha que viralizou? Ela faz referência a Thriller do MJ e também ao filme "Os fantasmas se divertem" (beetlejuice)

Nesses outros dois *tweets*, observamos que os usuários também percebem as semelhanças entre Wandinha e Michael Jackson em trechos como “...*SABIA QUE ERA*

FAMILIAR PRA MIM” e “... repararam mas referências dessa dança...”. Neste caso, além de perceberem as semelhanças, os usuários também apresentam novas informações para agregar em seu comentário. O primeiro *tweet* relata que “...A Jenna Ortega se inspirou em várias coreografias dos anos 80 para fazer a dança da Wandinha, incluindo Thriller!” e, no segundo *tweet*, temos a informação de que “Ela faz referência a Thriller do MJ e também ao filme *Os fantasmas se divertem*” (*beetlejuice*)”.

Esses dois relatos nos indicam que, após encontrarem semelhanças entre as produções, possivelmente os usuários fizeram uma pesquisa mais aprofundada sobre o tema e buscaram compreender como se deram todas as referências da série para a cena em questão. Além de encontrarem novas informações, compartilharam elas em suas redes sociais. Isso nos mostra a capacidade do público em contribuir com a propagação de uma notícia, não apenas como um consumidor, mas como um produtor de conteúdo. Essa ação se configura como um exemplo de Inteligência Coletiva, pois agora as comunidades virtuais elevam os seus conhecimentos quando são combinados com outros membros e isso acontece por conta dos meios convergentes (JENKINS, 2009). Como a internet tem se tornado cada vez mais um ambiente para ações coletivas, o compartilhar de histórias nas redes sociais pode também fortalecer a construção das memórias coletivas, visto que compartilhamos experiências individuais nas mídias e que podem se complementar a outras.

A partir da convergência das mídias, Jenkins (2009) afirma que aquilo que não fazemos ou não sabemos sozinhos, agora é feito de forma coletiva. Essa busca e compartilhamento coletivo de informações leva ao enriquecimento mútuo das pessoas, já que passam a ter relações mais afetivas. Esses exemplos do compartilhar conhecimentos que encontramos nos *tweets* analisados vai ao encontro com o que Hardagh (2009) afirma ser o que sempre procuramos nas redes sociais: a troca de informações e o compartilhar de interesses que passam pela pesquisa e pelas relações humanas.

A cena de Thriller de De Repente 30 tá entre as 10 melhores cenas do cinema

A melhor cena de De Repente 30 passando e claro que é eles dançando Thriller.

Os dois *tweets* anteriores fazem referência ao filme ‘De Repente 30’, lançado em 2004 e protagonizado pela personagem Jenna Rink, uma adolescente que está descontente com sua própria idade. No início do filme é possível perceber que ele se passa em uma época diferente pelos visuais das cenas e pela forma que os personagens se vestem. Outro indício aparece logo

nos primeiros minutos, quando a personagem principal está em sua casa assistindo o videoclipe de *Thriller* em um modelo antigo de televisão e fazendo a coreografia enquanto a música toca. Essa cena acontece no dia do seu aniversário de 13 anos, quando ela decide fazer um pedido: virar adulta. O seu pedido é milagrosamente atendido e, de repente, Jenna acorda com 30 anos de idade.

Figura 8 - Cenas do filme ‘De Repente 30’ (2004)



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Quando a personagem principal acorda com 30 anos, porém ainda com a mentalidade e suas memórias de 13 anos, ela se descobre em uma realidade totalmente diferente. Ao chegar na idade tão desejada percebe que se afastou da família, perdeu seu melhor amigo e está em um trabalho em que todos a consideram uma má pessoa. Em uma cena marcante do filme, na tentativa de mudar a visão que as pessoas tinham dela e para se reconectar com a amizade que perdeu, Jenna pede para tocarem a música *Thriller* em uma festa e convida a todos para uma coreografia sincronizada, assim como fazia em seu tempo de adolescente.

A cena dos personagens dançando *Thriller* na festa remete a algo que aparece no início do filme e, mesmo se tratando de um enredo de ficção, percebemos que a produção de Michael Jackson é usada para conectar pessoas por meio de uma memória afetiva. Esse acontecimento é um exemplo de que Tedesco (2014), afirma ser a memória coletiva uma importante forma de manter a sobrevivência de um grupo ao longo do tempo e pode ser atrelado ao que Le Breton (2009), assegura sobre o fato do tempo e da memória trabalharem sobre as nossas emoções.

A história que é contada no filme e a cena da coreografia em grupo trata-se de relações humanas, memórias e afetividades, cabendo ao enredo ter o potencial de atingir as lembranças

do telespectador e fazer com que ele se sinta representado naquilo que assiste. Os dois *tweets* coletados que falam sobre ‘De Repente 30’ elogiam a cena em que os personagens aparecem dançando *Thriller*, afirmando ser “A melhor cena de De Repente 30...” e que ela “... tá entre as 10 melhores cenas do cinema”.

Figura 9 - Cenas do filme ‘De Repente 30’ (2004) e do videoclipe ‘Thriller’ (1983)



Fonte: Elaborado pela autora. (2023)

Diferente da série ‘Wandinha’, que sutilmente faz referências a *Thriller* em seus passos de dança, o filme ‘De Repente 30’ utiliza de forma explícita o videoclipe, a coreografia e a música de Michael Jackson. Porém, independente da forma que é utilizado, as referências são percebidas pelo público e compartilhadas nas redes sociais.

Os conteúdos visualizados pelos telespectadores nos filmes e séries fizeram com que eles recordassem de algo que já haviam visto e os associam com o que há em suas lembranças. Halbwachs (2006) explica que não há imagens totalmente prontas em nossa memória, mas é a sociedade que nos indica elementos de recordação. São esses pensamentos rememorativos que nos ligam ao passado, pois "precisamos do passado para construir e ancorar nossas identidades e alimentar uma visão do futuro" (HUYSEN, 2000, p. 57). Nos casos analisados com os comentários das redes sociais, é possível perceber que os usuários fazem uma relação entre cenas da série ‘Wandinha’ e do filme ‘De Repente 30’ com o videoclipe de *Thriller*. Essa situação é observada pelo fato de que há elementos nessas cenas que os fazem recordar de algo

que já está em suas lembranças e os permitem ter essa associação, seja por meio de uma dança, uma música ou o enredo da história que atinge o telespectador de forma afetiva.

7.2.2 Michael Jackson como representação social

A década de 1980, além de ser marcada pelo lançamento de *Thriller*, se configura como a mesma época em que os videoclipes começaram a se popularizar a partir da união entre o som e a imagem (LIPOVETSKY e SERROY, 2009). Portanto, tendo como base a afirmação de Soares (2014), ao dizer que as produções populares estão ligadas ao entretenimento e às formas de lazer, principalmente quando recaem na preferência da maioria, podemos refletir que os videoclipes são um elemento da cultura pop. E com o surgimento da cultura de massa, o entretenimento começa a ser criado para agradar as grandes audiências e representar um público ainda maior.

A partir dessas reflexões, voltamos para a década em que *Thriller* foi lançado, quando os principais meios de comunicação de massa não divulgavam as produções de artistas negros e a recém criada MTV se recusava a transmitir os videoclipes de Michael Jackson. Essa atitude partiu de quando o departamento de *marketing* da emissora decidiu “que a molecada branca de subúrbio não gostava de música negra e que talvez se sentissem intimidados pelos negros” (TARABORELLI, 2005, p. 245). Qualquer vídeo de artistas negros que chegavam até eles era descartado e classificado como “não *rock-and-roll*”.

Thriller quebrou barreiras raciais e preconceitos na indústria musical com suas apresentações na MTV. 3 de seus videoclipes (Billie Jean, Beat It e Thriller) foram os primeiros a serem transmitidos na MTV e fizeram com que a emissora obtesse sucesso.

O *tweet* anterior é o relato de um usuário sobre suas lembranças e que confirmam um grande acontecimento marcado por *Thriller* na televisão. Após algumas recusas para a transmissão dos seus videoclipes, Michael Jackson, com o auxílio de sua gravadora, conseguiu com que o “Billie Jean” entrasse para a programação da MTV. Esse acontecimento alavancou a audiência da emissora e estabeleceu “o videoclipe como uma das mais vantajosas formas de promoção de um álbum” (CROCIATTI, 2009, p.79). E as conquistas vão além, pois segundo Taraborelli (2005), o sucesso de Michael Jackson na emissora fez com que outros videoclipes

do cantor fossem transmitidos e abriu as portas para outros artistas negros serem apresentados nas grandes mídias, “basicamente como resultado da revolução inaugurada por Michael Jackson, naqueles tempos.” (TARABORELLI, 2005, p. 246)

40 anos de Thriller, um dos álbuns mais geniais já lançados. o álbum conseguiu quebrar uma enorme barreira racial, sendo nele, que pela a primeira vez na história, um artista negro conseguiu tocar na MTV. além de tal façanha, conseguiu ser o álbum mais vendido do mundo.

40 ANOS DE THRILLER

O Album mais importante de todos os tempos!

Revolucionou em todos os sentidos

Criou uma tendência em como fazer clipes, quebrou as barreiras raciais fazendo com que graças a Billie Jean artistas negros tivessem espaço na MTV.

Nos tweets apresentados acima encontramos trechos como “*pela a primeira vez na história, um artista negro conseguiu tocar na MTV*” e “*graças a Billie Jean artistas negros tivessem espaço na MTV*” que comprovam a história contada anteriormente e, por meio do relato dos usuários, percebemos como foi revolucionário para o público a aparição de Michael Jackson como artista negro na MTV. Isso nos mostra que este acontecimento ficou marcado na memória das pessoas e como as conquistas marcadas pelo álbum *Thriller* repercutem até os dias de hoje, abrindo o caminho para os artistas negros que viriam nos anos seguintes por conta da quebra de “*barreiras raciais*”, expressão utilizada nos dois tweets.

Os dois comentários também fazem menção aos 40 anos do álbum *Thriller* e percebemos em trechos como “*...um dos álbuns mais geniais já lançados*” e “*O Album mais importante de todos os tempos!*” que há a admiração do público quanto à imagem do álbum.

há 40 anos, Michael Jackson lançava seu álbum 'Thriller'.

álbum mais vendido da história;

maior número de Grammys em uma noite;

quebrou barreiras inúmeras raciais e muito mais!

se não fosse por Thriller, a música, dança, videoclipes e entretenimento não seriam como são hoje.

Em mais um tweet encontramos a marca dos 40 anos do álbum *Thriller*, a lembrança sobre a quebra das barreiras sociais e menção sobre ser o álbum mais vendido de todos os tempos. Nesse tweet o usuário ainda relembra sobre o álbum *Thriller* possuir o “*...maior número de Grammys em uma noite...*”, marca atingida por Michael Jackson em 1984 e que

continua sendo um recorde até os dias de hoje. “Michael selou a história do Grammy quando levou oito prêmios [...] naquela hora, significou que os fãs, os críticos e os membros do júri tinham concordado que ele era o novo rei da música *pop*” (TABABORELLI, 2005, p. 289). Para aquela época, todo esse reconhecimento direcionado a um artista negro significou muito para o público e para a indústria musical, servindo como uma quebra nas barreiras raciais, assim como relataram os usuários em seus *tweets*.

Thriller" foi o disco que melhor simbolizou os anos 1980 (queria ter curtido essa década) no imaginário global e nos relatos de minha mãe, Esse álbum é poderoso, todo mundo queria ser um Michael, quem imaginaria que um jovem preto poderia conquistar o estrelato mundial? Tlz

Esse *tweet* apresenta o álbum *Thriller* como um grande símbolo da década de 80 e pelo trecho “...queria ter curtido essa década...” percebemos, na pessoa que relatou, uma vontade de ter vivido naquela época, desejo que é baseado no que ouve falar nas mídias e pelas memórias de sua mãe. Em outra parte do seu relato, o usuário fala que “...todo mundo queria ser um Michael...” e isso nos indica uma grande representação social da figura de Michael Jackson para a geração daquele tempo, visto que Crociatti (2009) fala sobre as barreiras estéticas que também foram quebradas, pois durante um longo tempo o cantor foi um ícone de beleza e milhões de adultos, jovens e crianças exaltavam sua beleza negra.

Crociatti (2009) diz que a arte, por atingir mais profundamente as pessoas, tem um poder de mudança muito mais efetivo e foi assim que, por meio de seu talento, “Michael Jackson fez mais pela diminuição do racismo do que qualquer político ou banqueiro. [...] Nada se compara ao poder transformador da arte” (CROCIATTI, 2009, p.79-80).

A questão do *tweet* “...quem imaginaria que um jovem preto poderia conquistar o estrelato mundial?” nos leva a refletir que Michael Jackson foi muito mais que um cantor, uma pessoa que representou uma geração por meio da sua arte, deixando um legado que abriu os caminhos para outros artistas negros e toda sua obra serve de referência para muitas formas de expressão na atualidade ao redor do mundo.

7.2.3 Comemoração dos 40 anos

Percebemos que as publicações comemorativas não foram feitas apenas no dia em que o álbum completou o seu quadragésimo aniversário, mas durante todo o período de sete dias determinados para a coleta dos materiais. Dessa forma, foram encontradas diversas publicações que parabenizam o álbum de diferentes formas, sendo essa a subcategoria com o maior número de comentários coletados.

Quando lançado há 40 anos, o álbum *Thriller* já estava na lista dos mais escutados pelo mundo e Taraborelli (2009, p. 226) recorda que “por 37 semanas consecutivas, ocupou o primeiro posto das listas da *Billboard*¹⁴, o que foi sensacional”. Além disso, *Thriller* permaneceu em destaque por 168 semanas na Grã-Bretanha, sendo o primeiro álbum a ficar em primeiro lugar em dois países (Estados Unidos e Grã-Bretanha) de forma simultânea. As conquistas vão além, pois “antes de *Thriller* nenhum outro álbum tinha tido sete faixas incluídas entre as Dez Mais: ‘Billie Jean’, ‘Beat It’, ‘The Girl Is Mine’, ‘Human Nature’, ‘Wanna Be Startin’ Somethin’’, ‘PYT’ e ‘Thriller’” (TARABORELLI, 2009, p.226).

Em se tratando de MJ, nem é novidade! O disco #Thriller volta ao top 10 Billboard 200 pela primeira vez no século na posição 7 com 37,000 cópias vendidas, subindo 283%. - via @chartdata #MJFanForum #Thriller40 #MichaelJackson #KingOfPop

40 anos depois e Thriller voltou ao topo da Billboard. Não adianta, podem tentar cancelar o MJ e não vão conseguir, o legado dele segue mais vivo do que nunca

O álbum comemorativo de 40 anos de Thriller está no top 10 da Billboard americana o álbum já vendeu 70 milhões de cópias ao redor do mundo só nos Estados Unidos vendeu 33 milhões de cópias sucesso total.

Nos tweets apresentados é possível observar que o público celebra os 40 anos de *Thriller* enquanto divulga a notícia de que o álbum mais uma vez atingiu uma marca importante no *ranking* da *Billboard*. Essa afirmação pode ser exemplificada no trecho “O álbum comemorativo de 40 anos de *Thriller* está no top 10 da *Billboard*”. Isso nos mostra que a cultura popular ainda leva em consideração as mesmas métricas que foram utilizadas anos atrás e que

¹⁴ Uma revista especializada em informações sobre a indústria musical e que possui diversas listas que são atualizadas semanalmente que servem como o principal *ranking* musical dos Estados Unidos, ditando tendências para todo o mundo.

rankings como esse ainda fazem parte da indústria cultural e do cotidiano do público, que busca por essas informações e as compartilha em suas redes sociais.

Esse comportamento reforça o que Kellner (2001) fala sobre a cultura da mídia ser onipresente e dominar a nossa vida cotidiana. Os *rankings* utilizados nos dias de hoje, como o da *Billboard* encontrado nos *tweets*, apresentam tendências da cultura pop e nos atraem de forma persuasiva, utilizando de assuntos atuais para envolver o público e estabelecer formas de consumo que fortalecem a formação de comunidades, a busca por pertencimento e a necessidade de compartilhar aquilo que gostamos, tornando o mundo ainda mais globalizado.

Os trechos que dizem “*40 anos depois e Thriller voltou ao topo da Billboard*” e “*O disco #Thriller volta ao top 10 Billboard 200 pela primeira vez no século...*” nos levam a refletir que os usuários já possuíam em suas memórias o conhecimento de que no passado o álbum *Thriller* esteve entre os mais ouvidos e que neste século ele “*voltou*” às paradas de sucesso, verbo utilizado nos dois comentários. Esse comportamento reforça o que já foi afirmado sobre a indústria cultural e o público usarem das mesmas métricas de tendências do passado, além de nos mostrar a potência que um produto da mídia possui de voltar a ter visibilidade quando recai no gosto popular, mesmo depois de 40 anos do seu lançamento.

Quando o usuário comenta sobre o álbum comemorativo de 40 anos de *Thriller*, ele diz que “*Em se tratando de MJ, nem é novidade!*” e isso demonstra que o público já esperava por algo que faria sucesso novamente, isso por se tratar de algo vindo de Michael Jackson, alguém que desde sua infância esteve dentre as produções mais populares. E para demonstrar a força das comunidades de fãs, temos o trecho “*...o legado dele segue mais vivo do que nunca*”, nos levando a entender que, quando um produto está no gosto popular, o próprio público se assegura de manter viva a história dessa produção por muito mais tempo.

Ao falar sobre produtos da cultura pop, Sato (2007) fala que aquilo que não atrai o público cai no esquecimento sem gerar relevância, algo que não é encontrado nos comentários coletados no Twitter quando o assunto são as produções de Michael Jackson. Eles nos mostram que o álbum *Thriller* continua na memória coletiva, construindo uma grande identificação popular capaz de gerar comunidades afetivas que permanecem propagando o mesmo conteúdo ao longo dos anos.

Acaba de chegar o CD do Michael Jackson 40 anos de Thriller, só com as demos estúdios dos singles originais

Para quem gosta de Michael, esse final de ano, o álbum Thriller faz 40 anos. Então eles lançaram uma edição especial, com as primeiras demos das músicas, que nao

foram pro álbum, músicas que já eram do álbum e foram remasterizadas e os clipes que agr estão em 4K no yt.

#Thriller40

No dia 30 de novembro, "Thriller" de Michael Jackson completa 40 anos. Uma edição especial de aniversário de 2 discos do álbum lançada no final do ano.

No dia 18 de novembro de 2022, foi lançado o álbum “*Thriller 40*” que possui 34 faixas que são divididas em canções originais, canções inéditas, canções demonstrativas, algumas canções reeditadas e várias novidades. Esse material foi comercializado em formato de CD e disco de vinil, além de ser distribuído em plataformas digitais como Spotify e Youtube. Esse álbum comemorativo é um exemplo da *technostalgia*, pois usa de tecnologias do passado com a união de práticas contemporâneas (HEIJDEN, 2015).

Esse lançamento chama a atenção dos consumidores, como podemos ver nos *tweets* anteriores. Em trechos como “*Acaba de chegar o CD do Michael Jackson 40 anos de Thriller*” e “*...o álbum Thriller faz 40 anos. Então eles lançaram uma edição especial...*” percebemos que os usuários celebram os 40 anos de *Thriller* compartilhando a notícia do lançamento do álbum comemorativo em suas redes sociais. Isso fortalece ainda mais a divulgação desse material e mostra a preferência do público por algo que é “reaproveitado, retomado, revivido, reeditado, inspirado, expressando-se em novos modos” (FEGHALI; SCHMID, 2008, p. 49).

ouvindo o álbum comemorativo de thriller como se fosse tudo inédito

*O álbum Thriller fez 40 anos e tô vendo os clipes de 4K que lançaram... não tenho nenhum aparelho que suporta mas tô vendo pq essa era de Michael Jackson é muito f****

indo comprar o jornal na banca só porque tem uma página especial falando do michael jackson e 40 anos de thriller

Além de divulgar os produtos comemorativos dos 40 anos de *Thriller*, os usuários também comentam que estão consumindo esses materiais em forma de celebrar a data, como podemos ver nos *tweets* anteriores. Isso pode ser percebido em trechos como “*ouvindo o álbum comemorativo de thriller...*” e “*O álbum Thriller fez 40 anos e tô vendo os clipes de 4K que lançaram...*”, comprovando esse ato quando dizem estar “*ouvindo*” e “*vendo*”. Em outro *tweet*, uma pessoa diz estar “*indo comprar o jornal na banca...*”, prática não muito comum nos dias de hoje, visto que muitas pessoas preferem consumir as notícias pela internet. Mas algo

interessante a ser analisado é a motivação que a faz ir até uma banca de jornal, que é o fato da edição daquele dia ter *“uma página especial falando do michael jackson e 40 anos de thriller”*.

A comercialização do passado e o mercado da nostalgia têm movimentado a indústria cultural, como observa Goulart Ribeiro (2018). Nos *tweets* analisados é possível perceber o consumo desses produtos que fazem a junção do passado e do presente, confirmando o que Huyssen (2000) diz em relação à uma obsessão que temos sobre uma cultura que reapresenta, repete e replica. Assim, podemos observar que o desejo em rememorar o passado ultrapassa as telas e o público busca por novas experiências de consumo, afirma Reynolds (2011), mesmo que esse consumo seja por meio de um jornal impresso, como encontrado em um dos *tweets*.

O álbum mais vendido de todos os tempos, revolucionário que reformulou os padrões da indústria do entretenimento para sempre, completa hoje 40 anos. Feliz aniversário, #Thriller! E obrigado a todos os envolvidos na produção do fenômeno! #MichaelJackson #MJFanForum

Um álbum mais que clássico completa 40 anos hoje. Icônico com I maiúsculo. Revolucionário na música mundial. Puro suco do pop conceitual quando, até então, nunca se falava nisso... Parabéns, Thriller! E obrigado, Michael Jackson!

40 anos do maior álbum de todos os tempos! 100% construído por hits com clipes impecáveis, revolucionário, lendário e uma gigante obra de arte! Thriller, simplesmente a obra mais completa da indústria musical e não é pra menos!

Outra forma encontrada pelos fãs de parabenizar o álbum *Thriller* é elogiar a produção por meio das marcas que ele conquistou. Esses três *tweets* foram agrupados por terem uma semelhança, podendo-se observar que todos eles usam a expressão “revolucionário” ao se tratar da produção de Michael Jackson. Os usuários falam que o álbum foi *“...revolucionário que reformulou os padrões da indústria do entretenimento para sempre...”* e *“Revolucionário na música mundial.”* No último *tweet* encontramos também outras expressões de engrandecimento como *“clipes impecáveis, revolucionário, lendário e uma gigante obra de arte!”*.

Encontramos nesses *tweets* uma forma de rememoração coletiva, pois todos eles recordam de um mesmo fato, que foi a mudança gerada pelo álbum *Thriller* na *“indústria musical”* e na *“indústria do entretenimento para sempre”*. Entendemos que coletivamente os usuários relembram como era a época antes e depois de *Thriller* existir, mesmo que não efetivamente tenham vivido essa época, visto que para Halbwachs (2006), não é necessário que um indivíduo esteja presente de forma material para que haja a recordação. Isso porque as memórias de um indivíduo podem surgir a partir das lembranças que compartilha com os grupos

a qual pertence e interage (TEDESCO, 2014). Aplicando este conceito aos materiais de análise, podemos dizer que as lembranças que os usuários possuem sobre *Thriller* são mais do que as suas experiências vividas, ou seja, também derivam de informações que consomem em grupos a que pertencem e que interagem pelas redes sociais, alcançando o sujeito de forma coletiva. Sob a análise de Tedesco (2014), somos individualmente formados pela mistura de várias coletividades que estão inseridas em nós, incluindo nossas memórias.

*Todos os bons clipes feitos nos últimos 40 anos devem ao Michael Jackson e seu investimento em lançar Thriller!
Thriller 40 anos! Rei do pop
#MichaelJackson #Thriller40*

BÔNUS: Aparentemente hoje é o aniversário de 40 anos do álbum, então por que não incluir o clipe que mudou todos os clipes, né? Ainda mais que a restauração em 4K tá bonita. Michael Jackson - Thriller, por John Landis

Nesses tweets, outras formas de parabenizar o álbum *Thriller* são encontradas. Além dos usuários relembrares da data, eles elogiam toda a produção, principalmente focada no videoclipe. Em trechos como “*Todos os bons clipes feitos nos últimos 40 anos devem ao Michael Jackson e seu investimento em lançar Thriller!*” e “*o clipe que mudou todos os clipes, né?*” notamos que os usuários enfatizam o fato do videoclipe de Michael Jackson ter modificado a indústria audiovisual e estar servindo de referência para outros produtos da mídia até os dias de hoje. Isso nos mostra que o público reconhece a importância de *Thriller* para as atuais produções e toda a sua relevância ao longo dos anos.

e hoje completa 40 anos da maior obra prima que a história da indústria musical já recebeu: Thriller

Ausente, mas passando aqui pra dizer: Feliz aniversário, Thriller! A bíblia da música. Eu te amo

*40 anos da obra-prima "Thriller", direção de John Landis, maquiagem do Rick Baker e o melhor clipe do vastíssimo histórico de grandes clipes do Michael Jackson. lançaram o vídeo em 4k, nunca esteve tão lindo
40 anos de Thriller, o álbum mais fodástico e mais vendido da história*

Ouvindo o álbum Thriller aqui e depois de 40 anos lançado esse álbum ainda é bom para caralho bicho. Michael Jackson n tava p brincadeira nos anos 80 ein

Nos trechos “40 anos da maior obra prima”, “Feliz aniversário, Thriller! A bíblia da música. Eu te amo” e “nunca esteve tão lindo” não encontramos números de vendas, informações sobre recordes ou curiosidades sobre *Thriller*. Neles são manifestados sentimentos mais profundos, em expressões que nos transmitem admiração e amor pelas produções do álbum. Também encontramos esses sentimentos em “o álbum mais fodástico” e “esse álbum ainda é bom para caralho bicho”, que de forma muito pessoal, apresentam o valor que cada um dos usuários possui em relação a *Thriller*.

Os últimos *tweets* nos mostram novamente que alguns fãs de *Thriller* parabenizam o álbum pelos seus 40 anos. Dessa vez, foi possível notar que as manifestações foram feitas de forma mais informal e demonstrando por meio das palavras um afeto ainda maior, incluindo expressões cotidianas e até mesmo de baixo calão, mas em todos os momentos representando a admiração que possuem por essa produção de Michael Jackson.

Ao longo das análises feitas em todos os *tweets* comemorativos sobre os 40 anos de *Thriller*, percebemos nas frases dos usuários alguns valores que são atribuídos às lembranças positivas em relação ao álbum *Thriller*. Huyssen (2000) explica que são esses pensamentos rememorativos que unem os sujeitos ao seu passado, pois além da rememoração nos definir no presente, o passado constrói a nossa identidade e alimenta a nossa visão de futuro. Com isso, refletimos que as pessoas que fizeram os *tweets* são sujeitos que exaltam o retorno aos tempos antigos, em razão do valor significativo que eles dão às produções voltadas ao álbum *Thriller*.

Nos usuários do Twitter, percebemos uma memória comentada, que apesar de ser individual, também é afetada pelos vínculos sociais, pelos lugares que frequentam e os tipos de informações que recebem. Le Breton (2009) diz que a afetividade é construída de forma social e é nesse momento, em manifestar nossos sentimentos de forma coletiva, que surgem as memórias afetivas, pois elas só aparecem na junção dos sentimentos com os pensamentos sociais, já que tanto as sensações alegres ou tristes são uma forma de manifestação que a sociedade nos mostra. Assim, exemplificamos o que Tedesco (2014) fala sobre a memória coletiva ser caracterizada pela afetividade que surge pela interação e troca de experiências por membros de um mesmo grupo. Nesse caso, um grupo de admiradores do álbum *Thriller*.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma sociedade avançada que vivemos atualmente, podemos notar que o fascínio pelo passado está mais vivo do que nunca. Seja na moda e formas de se vestir, nas músicas, nos objetos que compramos, nos filmes que assistimos, tudo representa formas daquilo que consideramos nostálgico. Incluindo aquilo que divulgamos em nossas redes sociais, visto como uma prática moderna, também está o conteúdo de notícias e assuntos do passado.

A forma de se expressar por meio das plataformas online está cada vez mais frequente e tem ganhado maior relevância, principalmente em plataformas como o Twitter, onde os usuários fazem suas declarações de forma sincera, pessoal e algumas vezes informal, como vimos ao longo dessa pesquisa. O uso das redes sociais também tem possibilitado a interação entre os usuários e estreitado suas relações com os produtos midiáticos, podendo as métricas de engajamento nos apresentar de que maneira e com que frequência essa interação acontece.

Os usuários das redes sociais se apropriam de diversas plataformas para elogiar, darem suas sugestões, depositarem suas memórias, como também externalizar suas tristezas e desabafos do cotidiano. É possível observar que o nível de interação dos usuários por meio das redes sociais tem se tornado um termômetro das indústrias (JENKINS, 2009). Assim, percebemos que quanto maior relevância um produto tiver maior será a sua interação com o público. O álbum *Thriller*, objeto principal desta pesquisa, obteve um número considerável de comentários nas redes sociais na semana do seu quadragésimo aniversário, fato que pode ser justificado pela sua relevância e por continuar sendo o álbum mais vendido de todos os tempos, mesmo depois de tantos anos após o seu lançamento.

Levando em consideração os comentários coletados no Twitter e o referencial teórico baseado na biografia de Michael Jackson, nos estudos de memória e sobre a cultura pop e convergente, conseguimos alcançar o objetivo principal deste trabalho que foi analisar o porquê do álbum *Thriller* ainda reverberar nostalgias e memórias na mídia, na cultura pop e participativa conectada em rede.

Ao analisar o que faz o álbum *Thriller* estar no topo de vendas ainda após 40 anos, voltamos ao que Sato (2007) afirma, ou seja, aquilo que é integrado à cultura pop deve necessariamente gerar grande identificação com o público e permanecer na memória geral. Todas essas características são encontradas no álbum *Thriller*, o que pode justificar a sua popularidade desde o lançamento até os dias atuais, resultando em alto número de vendas. Além disso, esse tipo de produção possui a capacidade de criar comunidades afetivas, também

conhecidas como fãs, que se apegam ao produto e propagam a mesma mensagem ao longo dos anos, como observado em relação ao objeto desta pesquisa.

Buscando verificar quais memórias deste álbum repercutem nas redes sociais, servindo de referência para artistas e consumidores da cultura pop e participativa, podemos encontrar na análise dos *tweets* da categoria “Memórias coletivas e afetivas na cultura participativa” diversas lembranças que relacionam o álbum *Thriller* com memórias da infância e adolescência, memórias em relação aos medos que possuíam ou ainda possuem dos personagens do videoclipe e até mesmo memórias referentes a objetos nostálgicos como fitas e discos de vinil.

Há também relatos de memórias em relação às referências de *Thriller* que são encontrados em determinados filmes e séries, sendo identificadas por meio da época, das danças, dos visuais e dos personagens de cada narrativa. A identificação dessas referências por parte do público surge da recordação de algo que já haviam visto e os associam com o que há em suas lembranças. Baseado no que Halbwachs (2006) diz sobre não haver imagens totalmente prontas em nossa memória, mas quem indica os elementos de recordação é a sociedade, percebemos que *Thriller* ficou muito marcado na memória pelo fato das pessoas facilmente identificarem referências do álbum em produções atuais.

Foi demonstrado como o álbum *Thriller* apresentou contextos sociais da época por meio de informações retiradas de biografias que contam o impacto que Michael Jackson gerou com os seus videoclipes ao ser o primeiro artista negro a ter suas produções transmitidas em televisão aberta, mais especificamente na MTV. Dessa forma, podemos compreender a importância do cantor para a indústria musical e para os artistas que surgiram após ele, tendo Michael Jackson como referência e como alguém que abriu as portas para que outros artistas negros tivessem as mesmas oportunidades. Com os *tweets*, percebemos que há diversas memórias coletivas por parte dos usuários que citam a quebra de barreiras raciais e o quanto *Thriller* simbolizou desde a década de 1980 até os dias de hoje.

A memória afetiva é mercantilizada em relação aos produtos nostálgicos sobre o álbum por meio das práticas de retromania e *technostalgia*, como podemos ver nos *tweets*. Em seus comentários nas redes sociais, os usuários exibem seus discos de vinil e fitas VHS, enquanto expõem a sua relação afetiva com esses objetos, sejam produtos que ainda possuem ou produtos que hoje em dia existem apenas nas suas memórias, sendo um exemplo de retromania, demonstrando essa nova tendência e o apego do público quanto a esses produtos. Em relação à *technostalgia*, ela pode ser encontrada na comercialização do “*Thriller 40*”, álbum que foi lançado em comemoração à data e onde foram utilizadas músicas remasterizadas, sons e tecnologias do passado para relançar algo que já era conhecido pelo público. Esse lançamento

também reforça o conceito de retromania a partir do momento que comercializa CD's e discos de vinil do "*Thriller 40*", além de outros objetos como roupas e acessórios com estampas que fazem referências ao passado.

Ao analisar o álbum *Thriller*, observamos que a cultura pop potencializa uma memória coletiva. Um produto cultural é bastante disseminado quando há aceitação popular e demonstra legitimidade em termos de qualidade, originalidade e diferenciação, como é o caso da produção de Michael Jackson. Outro ponto verificado é a utilização que o artista faz do contexto de terror e o uso da figura dos zumbis nos videocliques, o que pode provar a formação de uma memória coletiva em relação ao álbum *Thriller*, visto que há na cultura pop um universo de conteúdos sobre o tema e que exemplificam esse fascínio.

Em uma cultura participativa, os usuários das redes sociais se sentem confortáveis em compartilhar suas histórias. É neste lugar de socialização virtual que as pessoas dividem com o mundo uma história que é só delas, mas ao mesmo tempo encontram vivências parecidas com as suas próprias, lembranças que se complementam umas com as outras. Desse modo, compreendemos, por meio dos relatos encontrados nos *tweets*, as formas que a memória coletiva potencializa a audiência do álbum *Thriller* e ainda exemplifica o que Halbwachs (2006) fala sobre não estarmos sozinhos no mundo, mas que estamos conectados um ao outro pelas nossas memórias.

Halbwachs (2006) também afirma que, em geral, precisamos recorrer à memória de outras pessoas para evocar o nosso próprio passado. Sendo assim, ao visualizar as memórias do outro nas redes sociais ou até mesmo encontrar referências ao nosso passado em outras produções como filmes e séries, nossas lembranças são despertadas pelo próximo. Nos *tweets*, encontramos relatos que falam sobre momentos na escola, a vivência com os amigos, presentes que são recebidos de familiares e tantos outros exemplos que apresentam uma memória em relação a *Thriller* que geram afetos e envolvem outras pessoas.

Le Breton (2009) mostra que por estarmos afetivamente presentes no mundo, compreendemos que essa memória afetiva potencializa uma memória que também é coletiva. *Thriller* estava presente na formação destas memórias e as pessoas não estavam sozinhas. Percebemos que muitos dos produtos da cultura pop são memoráveis, porque há pessoas juntas na formação destas memórias e, conseqüentemente, esses produtos trazem experiências que são compartilhadas, por isso, também formam memórias. Assim, percebemos que um produto da cultura pop se torna memorável, porque não é consumido sozinho e tem o poder de continuar reverberando referências a partir do momento em que fica marcado nas memórias coletivas do

público. Exemplo que é encontrado em *Thriller*, pois se mantém como o álbum mais vendido de todos os tempos, mesmo depois de 40 anos do seu lançamento.

Uma forma de também potencializar a audiência de uma produção da cultura popular é por meio da venda de produtos. A retromania e a *technostalgia* representam uma forma de comercialização da memória e um apego ao passado que é transmitido a objetos nostálgicos, como também a sons e tudo que se refere a um tempo que já passou. Esse sentimento de nostalgia é gerado, pois todos esses elementos estão marcados nas memórias afetivas das pessoas. Sendo assim, a partir dos *tweets* analisados, foi possível entender como se configura uma memória afetiva mercantilizada em produtos sobre o álbum *Thriller*.

Além das respostas às problemáticas e objetivos dessa pesquisa, também foi possível refletir sobre a potência de uma figura pública como o cantor Michael Jackson, que desde sua infância marcou diversas gerações com suas músicas, danças, visuais e atitudes. Mesmo causando diversas especulações e gerando polêmicas, há de se concordar que a personalidade excêntrica de Michael Jackson e sua busca pela perfeição causaram um grande impacto ao redor do mundo, principalmente nas áreas em que atuava como artista. Por isso sua figura continua tão presente no imaginário das pessoas e reverberando memórias, sejam elas positivas ou negativas, ao longo de tantos anos.

Todos os percursos metodológicos, como a coleta dos *tweets*, criação de categorias e subcategorias foram muito importantes para o desenvolvimento dessa pesquisa. Além disso, contamos também com o auxílio de um vasto referencial teórico que nos ajudou a analisar todos os materiais coletados e chegar de forma satisfatória aos objetivos propostos.

Com o término dessa dissertação, esperamos ter contribuído para os estudos de memória, cultura da convergência e cultura pop, bem como gostaríamos que este tema atraísse a atenção de pesquisadores e os auxiliassem na compreensão do potencial das memórias coletivas e na importância da cultura participativa para a propagação de um mesmo conceito e produto ao longo dos anos.

Contudo, estes estudos não finalizam, pois poderão ser feitas pesquisas futuras a partir dos métodos aplicados, a categorização apresentada e os conceitos que resultaram das análises. Além de um álbum da Cultura Pop, é possível verificar se os mesmos afetos e memórias ocorrem em outros estilos musicais ou até mesmo em outras produções, como filmes, séries e publicidades lançadas no passado.

Para esta pesquisadora (e fã do objeto analisado), foi muito importante chegar a estas conclusões, pois por meio delas foi possível compreender com um novo olhar um produto que também faz parte de suas memórias. E agora, outros pesquisadores também poderão ampliar a

sua compreensão sobre os temas ou então outros fã terão a oportunidade de aprofundar os seus conhecimentos em um assunto de seu interesse.

9 REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRESSAN JÚNIOR, Mário Abel. **Memória Teleafetiva**. Florianópolis: Insular, 2019.
- _____. **Televisão e espaço de revisitação: a formação de uma memória teleafetiva**. Intexto, Porto Alegre, Online First, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/82983>. Acesso em: 28 mai. 2021.
- BRESSAN JÚNIOR, M. A.; DOS SANTOS NETO, V.; DA SILVA BARBOSA, M. “É gostoso e faz bem”: o passado que (re)encanta em campanhas publicitárias. *Rizoma*, v. 9, n. 2, 5 jul. 2021.
- CROCIATTI, Jonathan. **Michael Jackson: 50 anos do ícone pop**. São Paulo: Planeta, 2009.
- DANESI, Marcel. **Popular culture: introductory perspectives**. 2. ed. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2012.
- DAVIS, F. **Yearning for yesterday: a sociology of nostalgia**. New York: Free Press, 1979.
- FECHINE, Yvana Carla; BRONSZTEIN, Karla Patriota. **Consumo Transmídia de conteúdos televisivos: explorações em torno de uma agenda de investigação**. Porto Alegre, 2016.
- FEGHALI, Marta; SCHMID Erika; LIMA Vera. **O ciclo da moda**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2008.
- FONSECA, J. M. **O vodu no bicentenário da independência haitiana**. *Revista Ameríndia*, v. 10, p. 55 - 60, Nov. 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14695>. Acesso em: 29 out. 2022.
- GOULART RIBEIRO, A. P. **Mercado da nostalgia e narrativas audiovisuais**. *E-Compós*, [S. l.], v. 21, n. 3, 2018. DOI: 10.30962/ec.1491. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/ecompos/article/view/1491>. Acesso em: 02 jul. 2022.
- GUMBRECHT, H. U. **Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2ª Edição. São Paulo: Centauro, 2006.
- HARDAGH, Claudia Coelho. **Redes Sociais Virtuais: uma proposta de Escola Expandida**. São Paulo, 2009.
- HEIJDEN, T. V. Technostalgia of the present: from technologies of memory to a memory of technologies. *European Journal of Media Studies (NECSUS)*, Amsterdam University Press, v. 4, n. 2, p. 103-121, 2015.

HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2ª edição. São Paulo: Aleph, 2009.

JORDBREKK, Anders. **The Influence of the Past**: A Study of Retromania and Technostalgia in Contemporary Popular Music. 2016. 205 p. Dissertação de mestrado (Musicologia) - Norwegian University of Science and Technology, Trondheim, 2016. Disponível em: <https://ntnuopen.ntnu.no/ntnu-xmlui/handle/11250/2416970?>. Acesso em: 30 mai. 2021.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias**: antropologia das emoções. Petrópolis: Vozes, 2009.

MACHADO, G. L. **A estrela caiu**: relações entre a publicidade, a cultura pop e a fama. Revista Extraprensa, v. 11, n. 1, p. 171-186, 2017.

MASSAROLO, João. C.; GOMES, Paula. **Um estudo sobre construção de mundos no cinema de terror**: representações das multidões nos filmes de zumbi. Revista Eco-Pós (Online), v. 15, p. 196-216, 2013. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/879. Acesso em: 25 out. de 2022

MILANEZ, Nilton. **Discurso e imagem em movimento: o corpo horrorífico do vampiro no trailer**. 1. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2011.

MJ Beats, **40 anos do álbum Thriller de Michael Jackson: uma edição especial de aniversário está chegando**. 2022. Disponível em: <https://mjbeats.com.br/40-anos-do-%C3%A1lbum-thriller-de-michael-jackson-uma-edi%C3%A7%C3%A3o-especial-de-anivers%C3%A1rio-est%C3%A1-chegando-9c06a869f91a>. Acesso em: 18 mai. de 2022

NIEMEYER, Katherine. **Media and nostalgia**: Yearning for the past, present and future. Springer, 2014.

PINCH, Trevor; REINECKE, David. **Technostalgia**: How Old Gear Lives on in New Music *In*: BIJSTERVELD, Karin; DIJCK, José van. Teste. *In*: Sound Souvenirs: Audio Technologies, Memory and Cultural Practices. 1. ed. 2019: Amsterdam University Press, 2019. cap. 10, p. 152-166.

PLATTS, Todd. Locating zombies in the sociology of popular culture. **Sociology Compass**, Missouri, v. 7, abril/ 2013, p. 547-560.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PROSPERI, R.; GENTINI, A.M. **O Vodun no universo simbólico haitiano**. Universitas Relações Internacionais. Brasília, v.11, n. 1, p. 73- 81, Jan. a Jun. 2013. Disponível em:

<https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/relacoesinternacionais/article/view/2408>. Acesso em: 29 out. 2022.

REYNOLDS, Simon. **Retromania**: Pop Culture's Addiction to Its Own Past. New York: Faber and Faber, 2011. v. 1.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SATO, Cristiane A. **Mas o que é cultura pop?** In: Japop: o poder da cultura pop japonesa. São Paulo: NSP-- HAKKOSHA, 2007.

SERRAVALLE DE SÁ, D. S. **Memento mori: o zumbi no gótico americano**. Solettras revista: Santa Catarina, n. 27, p. 207-219, Jan. 2014. Disponível em: <http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/9275>. Acesso em: 29 out. 2022.

SOARES, Thiago. **Abordagens teóricas para estudos sobre a Cultura Pop**. Logos: Comunicação e Universidade, Rio de Janeiro, v. 2, n. 24, 2014.

SOBANSKI, Saulo. **Quais são os álbuns mais vendidos de todos os tempos?** Superinteressante, 2020. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quais-sao-os-albuns-mais-vendidos-de-todos-os-tempos/>. Acesso em: 25 mai. de 2021.

TARABORRELLI, J. Randy. **Michael Jackson**: a magia e a loucura. São Paulo: Globo, 2005.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória**: temporalidades, experiência e narração. 2ª edição. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2014.

TEIXEIRA, Marcus do Rio. **Por que será que gostamos tanto dos filmes de zumbis?**. Cogito, Salvador, v. 14, p. 12-15, nov. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792013000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 out. 2022.

TEIXEIRA, R. A. **Horror cinematográfico e experimentação de Michael Jackson na música pop e no videoclipe**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Municipal de São Caetano do Sul. São Paulo, p. 105. 2014.

TEMPERTON, Rod. **Thriller**. Los Angeles: Epic Records, 1982. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/michael-jackson/thriller-traducao.html>. Acesso em: 02 nov. 2022.

TOLEDO, Marina. **“Wandinha” bate recorde e se torna série com melhor estreia na Netflix**. CNN Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/wandinha-quebra-recorde-e-se-torna-serie-com-melhor-estreia-na-netflix/>. Acesso em: 08 jun. 2023.